

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**Patrícia Mentz**

**Lembranças concretas:**

a memória social através do patrimônio cultural edificado das bibliotecas

Porto Alegre

2011

**Patrícia Mentz**

**Lembranças concretas:**

a memória social através do patrimônio cultural edificado das bibliotecas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Marlise Maria Giovanaz.

Porto Alegre

2011

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

## **FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretor: Prof. Ricardo Schneiders da Silva

Vice-Diretora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Helena van der Lann

## **DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Chefe: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Mielnickzuk de Moura

Chefe Substituta: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Elisa Caregnato

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

M549I Mentz, Patrícia

Lembranças concretas : a memória social através do patrimônio cultural edificado das bibliotecas / Patrícia Mentz. — Porto Alegre, 2011.

100 f. : il. color. ; 30 cm.

Monografia (graduação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, 2011.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Marlise Maria Giovanaz.

1. Memória social. 2. Patrimônio cultural. 3. Lugares de memória. 4. Identidade. 4. Assunto. I. Giovanaz, Marlise Maria. II. Título.

CDU 316.6:027

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Bairro Santana

CEP: 90.035-007 – Porto Alegre/RS

Tel.: (51) 3308-5067 / Fax: (51) 3308-5435

E-mail: dci@ufrgs.br

**Patrícia Mentz**

**Lembranças concretas:**

a memória social através do patrimônio cultural edificado das bibliotecas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 08 de dezembro de 2011.

**Banca examinadora:**

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Marlise Maria Giovanaz  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof.<sup>a</sup> D.<sup>ra</sup> Lizete Dias de Oliveira  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Bibliotecária: B.<sup>ela</sup> Morgana Marcon  
Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul

*Àquele que é fonte das minhas alegrias  
e que está sempre ao meu lado.*

*Ao Mozi, com amor!*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, à professora Marlise, com sua paciência infinita e seu abraço acolhedor, sem a qual eu não teria conseguido concluir este trabalho.

Aos meus tios, Nilva e Aron, que foram cruciais na minha vida, antes mesmo que eu tivesse consciência disso, e a quem serei eternamente grata.

Ao meu pai, Ernane, a quem eu amo e sei que me ama.

Aos meus irmãos William, Simone e Priscila, a quem amo igualmente, e sei que é para sempre. Principalmente à Priscila, minha grande amiga, que sempre esteve ao meu lado em todos os bons e maus momentos e a quem admiro profundamente por ela ser quem é.

Ao meu Eduardo Corrêa Gomes, que me auxiliou e incentivou tanto na realização deste trabalho. Agradeço a ele pelos nossos planos. Pelas nossas conquistas. Pelo nosso amor.

Às verdadeiras amigas que encontrei através da Universidade: Marina Fagundes, do primeiro ao último dia, com a certeza de que irá muito além; e Adriana Xavier, a personificação da paz, calma e tranquilidade, portadora de um coração maravilhoso e a quem tenho a honra de ter encontrado.

Aos grandes amigos de Biblioteconomia, moradia e vivências, em especial ao Luciano Reis e aos seus cafés de incentivo durante este período.

Aos locais que me permitiram estagiar durante toda minha caminhada acadêmica, pois foram essenciais para minha qualificação e crescimento, tanto pessoal quanto profissional.

Por fim, e não menos importante, agradeço à “mãe” UFRGS, por seu ensino qualificado, e à CEUFRGS, que permite a realização dos sonhos de tantos estudantes desta Universidade.

*“Foi o tempo que perdeste com tua rosa  
que fez tua rosa tão importante”*

Antoine de Saint-Exupéry

## RESUMO

A memória pode ser tanto individual quanto social, porém ambas se enredam em uma construção social. A perda da memória social pode representar a perda da identidade de uma sociedade, por isso ela se fixa no concreto, em lugares de memória. Para que a memória social e individual possa reaparecer, é aos lugares de memória que o indivíduo se reporta, pois os espaços carregam emotividade e significados que solidificam a memória. Neste sentido, as bibliotecas em patrimônios culturais adquirem importância para os indivíduos e para as sociedades que integram, porque são lugares de memória que sedimentam e fazem parte de sua memória social. A fim de elucidar de que forma as bibliotecas edificadas em patrimônios culturais contribuíram para a memória social das cidades de Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul, este estudo objetiva verificar a importância que a Bibliotheca Pública Pelotense, a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul e a Bibliotheca Rio-Grandense possuem na memória social local. Para atingir os objetivos foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental sobre as edificações patrimoniais das três Unidades de Informação estudadas, seguido da coleta de relatos orais de funcionários, ex-funcionários e usuários relacionados às Instituições. A investigação possui abordagem qualitativa e relaciona os dados obtidos aos conceitos teóricos do estudo. Aponta que as bibliotecas edificadas em patrimônio cultural acompanham o desenvolvimento político, cultural e social de suas cidades. Estabelece que as Unidades de Informação possuem caráter ativo no desenvolvimento das sociedades locais. Conclui que estes lugares de memória são importantes engrenagens da memória social de suas cidades, pois estão intimamente ligadas às vivências individuais e coletivas dos seus integrantes.

**Palavras-chave:** Memória social. Patrimônio cultural. Lugares de memória. Identidade.



## ABSTRACT

The memory can be both individual and social, but both get together in a social construction. The loss of social memory can represent the loss of the identity of a society, so it is glued in concrete, in places of memory. To enable social and individual memory to reappear, it is to places of memory that the individual reports, because the spaces carry emotion and meaning that solidify memory. In this sense, the libraries in cultural patrimony acquire importance for individuals and for societies they compose, because they are memory places that consolidate and are part of their social memory. In order to elucidate how the libraries built on cultural patrimony contributed to the social memory of Pelotas, Porto Alegre and Rio Grande in Rio Grande do Sul, this study aims to verify the importance that Bibliotheca Pública Pelotense, the Public Library of Rio Grande do Sul and Bibliotheca Rio Grandense have in local social memory. To achieve the objectives researched the literature and documentary about the patrimony of three units of information studied, followed by gathering of oral reports of employees, former employees and users related to the institutions. The investigation has a qualitative approach and relates the data to theoretical concepts of the study. It points out that the libraries built in cultural heritage came with the political, cultural and social development of their cities. It establishes that intelligence units have active character in the development of local societies. It concludes that these places of memory are important gears in the social memory of their cities, for they are closely linked to individual and collective experiences of their members.

**Keywords:** Social memory. Cultural heritage. Places of memory. Identity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Fachada da Bibliotheca Pública Pelotense.....	47
Imagem 2 – Fachada da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul.....	50
Imagem 3 – Fachada da Bibliotheca Rio-Grandense.....	52
Imagem 4 - Detalhe positivista da fachada da BPE.....	83
Imagem 5 - Ficha de inscrição do primeiro curso de alfabetização gratuito.....	85
Imagem 6 – Registro da Princesa Isabel no livro de visitas da Bibliotheca Rio-Grandense.....	87
Imagem 7 – Registro de Fernando Henrique Cardoso no livro de visitas da Bibliotheca Rio-Grandense.....	88

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BPE	Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul
BPP	Bibliotheca Pública Pelotense
CCMQ	Casa de Cultura Mário Quintana
CEDOV	Centro de Documentação e Obras Valiosas
IPHAE	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado
IPHAN	Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SEDAC	Secretaria de Estado da Cultura
UI	Unidades de Informação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2 VESTÍGIOS E LEGADOS HUMANOS</b> .....	<b>16</b>
2.1 O QUE É PATRIMÔNIO E PATRIMÔNIO CULTURAL? .....	17
2.2 UMA EVOLUÇÃO CONCEITUAL .....	19
2.3 EU LEMBRO, TU LEMBRAS, ELE LEMBRA, NÓS LEMBRAMOS... .....	23
2.4 LUGARES DE MEMÓRIA .....	37
2.5 BIBLIOTECAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL .....	41
2.6 PEQUENA BIOGRAFIA DAS INSTITUIÇÕES .....	43
<i>2.6.1 Bibliotheca Pública Pelotense</i> .....	<b>43</b>
<i>2.6.2 Bibliotheca Pública do Estado do Rio Grande do Sul</i> .....	<b>47</b>
<i>2.6.3 Bibliotheca Rio-Grandense</i> .....	<b>50</b>
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>53</b>
3.1 ABORDAGEM E TIPO DE PESQUISA .....	53
3.2 SUJEITOS DO ESTUDO .....	54
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS .....	55
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	57
3.5 TRATAMENTO DOS DADOS .....	58
3.6 LIMITADORES DO ESTUDO .....	59
<b>4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS</b> .....	<b>60</b>
4.1 CONHECENDO E RECONHECENDO OS INDIVÍDUOS .....	60
4.2 BAÚS DE RECORDAÇÕES .....	63
4.3 MEMÓRIAS E CULTURA ATRAVÉS DO PATRIMÔNIO .....	72
4.4 MEMÓRIA E HISTÓRIA NA BIBLIOTECA .....	84
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>92</b>
<b>APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS</b> .....	<b>96</b>
<b>APÊNDICE B – ENTREVISTADOS</b> .....	<b>99</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No decorrer do tempo vamos mudando e, conosco, tudo ao redor também vai se modificando, mas sempre há algo que permanece e que nos une e ao mesmo tempo nos separa do passado. Locais que fazem parte da história da nossa sociedade e de uma sociedade anterior a nossa, que resistem a esse deslocamento temporal e contribuem para recontar e lembrar tudo o que já aconteceu até chegar ao “hoje”, sendo fonte de memória individual e social.

Há edificações antigas que estão presentes em nossas vidas desde nosso nascimento e que também estiveram presentes ao longo de toda a trajetória de vida de nossos ancestrais, possibilitando-nos a reconfortante impressão de continuidade e realizando a ligação com a história vivida pelas sociedades anteriores a nossa. Então, como estas edificações, estes patrimônios culturais, estão presentes e participam em nossas vidas?

É interessante e chama a atenção como os espaços de cada indivíduo incorporam suas memórias, suas lembranças. Um se faz presente no outro de forma forte e iminente, intrínseca, como explicita Giovanaz (2007):

O nosso entorno material conserva nossas marcas e a de nossos mais queridos, lembram-nos fatos importantes de nossa vida individual e estão associados à memória de nosso grupo. Todo espaço habitado recebe as marcas dos indivíduos que nele transitam. Os quarteirões no interior da cidade, bem como as casas que os constituem, estão também ligados ao solo, como as árvores, os rochedos e as montanhas. (GIOVANAZ, 2007, p. 237).

Ruas, casas, praças, prédios e outras formas de edificação sempre foram foco da curiosidade de grande parte dos indivíduos, tanto no passado quanto no presente. Como menciona Pierre Nora, trata-se de uma “[ . . . ] curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia”. (NORA, 1993, p. 7). Esse interesse humano reforça-se principalmente quando se mencionam os nossos patrimônios históricos e culturais, que permearam os períodos históricos da humanidade e protagonizaram os mais diversos fatos sociais do passado. Grecco (2003) descreve que reconhecer o passado é conhecer-se melhor e que quem se conhece tem identidade, um sentimento de “pertencimento”, fazendo parte de um grupo humano específico.

Porém, é importante lembrar que a história não se faz sozinha e esse reconhecimento do passado não se trata de um processo simplista. A história é composta pela memória individual, que, entrelaçada, constitui, modifica e perpetua a memória social de um grupo, de uma sociedade, no decorrer do tempo.

Ao andar pelas ruas da cidade e observar as diversas edificações ao longo do percurso, é comum que estas nos despertem algum tipo de sentimento, lembrança ou curiosidade. Mas o que dizer quando estas edificações são também a “morada” de toda a história, memória e informação documentada? E quando estas edificações são bibliotecas?

As Unidades de Informação (UI), aqui salientadas através das bibliotecas, são instituições voltadas para a aquisição, o processamento, o armazenamento e a disseminação de informações, tendo como gestor o bibliotecário. Quando localizadas em edificações antigas, estas bibliotecas destacam-se duplamente através de seu patrimônio cultural, ou seja, primeiramente através de seus acervos e, posteriormente, através de seus prédios, que também são importantes patrimônios culturais de suas cidades.

Partindo desta percepção da existência de bibliotecas localizadas em edificações que são patrimônio cultural e que possuem acervos que também são patrimônio cultural, percebe-se que há duas importantes fontes de memória social em um único lugar. Através das interações sociais e das memórias dos indivíduos das localidades em que estas Unidades de Informação estão sediadas, há a construção da memória social local, em que a memória é elaborada coletivamente, instigando o questionamento sobre qual a real relevância que bibliotecas em determinadas condições podem ter na construção da memória social de uma localidade específica.

Pensando localmente, isto é, na perspectiva do nosso Estado, algumas destas edificações que nos despertam uma gama variada de sentimentos, desejos, lembranças, curiosidades e anseios, são a Bibliotheca Pública Pelotense, a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul e a Bibliotheca Rio-Grandense, pois estão instaladas em prédios antigos e são elas mesmas pontos de referência na cultura e na memória do Rio Grande do Sul.

Estas bibliotecas de nosso Estado se salientam tanto cultural quanto espacialmente em suas cidades, ou seja, que além de possuírem grande valor por seus acervos riquíssimos, também estão localizadas em edificações que são

patrimônios culturais que chamam a atenção por sua suntuosidade. São bibliotecas localizadas em belíssimas edificações patrimoniais guardiãs de acervos muito importantes tanto para suas cidades quanto para o próprio Rio Grande do Sul.

Expostos estes fatos, este estudo visa elucidar de que forma as bibliotecas localizadas em edificações que são patrimônios culturais contribuíram para a memória social das cidades de Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande (Estado do Rio Grande do Sul), tendo por objetivo geral a verificação da importância que a Bibliotheca Pública Pelotense, a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul e a Bibliotheca Rio-Grandense possuem na memória social local.

A fim de atingir-se este objetivo geral, foram realizadas as seguintes ações abordadas nos objetivos específicos do estudo: primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental sobre as edificações patrimoniais das três Unidades de Informação estudadas, seguido da realização de coleta de relatos orais (entrevistas) de pessoas envolvidas e/ou relacionadas a estas bibliotecas, o que contribuiu para a identificação de fatos históricos relevantes para a memória social destas localidades e, por fim, o recolhimento e análise de documentos históricos das instituições pesquisadas.

Tratando-se de uma abordagem qualitativa, utilizou-se o método de pesquisa fenomenológico, pois este compreende que as realidades ocorrem através das interpretações e destaca cada indivíduo como “chave” essencial na construção do conhecimento. Destaca-se, ainda, que o estudo deu-se através de uma pesquisa do tipo bibliográfica, documental e de campo, por melhor adequar-se às suas próprias características.

Este trabalho divide-se em cinco capítulos distintos, sendo que no segundo capítulo aborda-se a questão do patrimônio e da memória, traçando-se uma linha de pensamento que vai desde o patrimônio cultural até à memória social e os chamados lugares de memória. Neste capítulo traz-se um plano histórico e contextualizador destes conceitos abordados, através (principalmente) de autores clássicos como Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Jacques Le Goff e Michael Pollak, finalizando com uma abordagem das bibliotecas analisadas enquanto patrimônio cultural e suas evoluções históricas.

No terceiro capítulo, será apresentada a metodologia que foi utilizada para a realização deste estudo, explanando-se sobre a sua abordagem, seu tipo de pesquisa, seus sujeitos, instrumento e procedimentos de coleta de dados, forma de

tratamento dos dados e limitadores do estudo. Neste capítulo quer-se esclarecer como se deu a pesquisa na prática, do início ao fim.

Dentro do capítulo de número quatro serão apresentados os resultados obtidos durante a pesquisa e suas análises. Os dados apresentados incluem os dados levantados durante as visitas, as entrevistas e o recolhimento de documentos (material iconográfico). Após este quarto capítulo, finaliza-se o trabalho com as principais conclusões (capítulo cinco) obtidas através da pesquisa, a fim de elucidar seu questionamento inicial de como estas três bibliotecas analisadas contribuem para a memória social de suas populações locais e, também, para o Estado do Rio Grande do Sul.



## 2 VESTÍGIOS E LEGADOS HUMANOS

Desde sempre o homem anseia por deixar registrada sua passagem pela Terra, para não ser esquecido pelo tempo, criando formas de deixar marcados, impressos, os seus grandes feitos e seus deslocamentos. Primeiramente estes registros ocorreram nas paredes rochosas das cavernas em que o homem primitivo habitava, através da arte que expressava o seu modo de vida: sua alimentação, rotina e convivência com os demais. Artefatos e utensílios foram sendo criados e aprimorados a fim de facilitar o cotidiano do homem, desenvolveu-se a linguagem, a escrita, a tipografia e uma infinidade de conhecimentos. Assim, ao longo da história foram sendo registradas as culturas de diversos grupos através de seus legados, seus patrimônios, que fazem parte da memória de diversas civilizações.

Dentre estes legados que nos foram deixados, pode-se considerar tanto os diversos aspectos culturais da humanidade no que se refere à produção e reprodução das línguas, instrumentos de comunicação, ritos, cerimônias e sistemas de valores e crenças, quanto objetos, vestuários, edificações, monumentos e afins. Conforme Zanirato e Ribeiro (2007, p. 48), este conjunto de manifestações é referência cultural dos grupos humanos e representa a capacidade criativa desses povos, sendo, como tal, considerado patrimônio da humanidade.

Vera Regina Luz Grecco, técnica em Assuntos Culturais da SEDAC (Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul) reforça que:

As gerações humanas foram moldadas pelas que as antecederam ou com elas conviveram. São culturalizadas por intermédio de um lastro cultural preexistente. Assim, forma-se um elo de continuidade mutável, baseado no fato de que o homem aprende a viver e pode aprender a viver melhor. O Patrimônio é constituído por bens passíveis de serem transmitidos aos herdeiros e, num sentido mais amplo, é tudo o que nos cerca, que nós reivindicamos como nosso. (GRECCO, 2003, *online*).

Entretanto, o patrimônio da humanidade nem sempre foi visto e conceituado da mesma forma, este foi um processo gradual que acompanhou as transformações das sociedades e foi ganhando força na memória do homem.

## 2.1 O QUE É PATRIMÔNIO E PATRIMÔNIO CULTURAL?

A palavra *patrimônio* possui origem na palavra latina *patrimonium*, e sempre esteve ligada principalmente aos bens de família, às posses herdadas, estando intimamente relacionada à concepção de “herança”. Esta ideia reforça-se também no Dicionário Brasileiro Aurélio, que define “**pa.tri.mô.ni:o s.m.** **1.** Herança paterna. **2.** Bens de família. **3.** *P. ext.* Os bens, materiais ou não, duma pessoa ou empresa. **4.** *Fig.* Riqueza: *patrimônio cultural*. **§ pa.tri.mo.ni.al. adj 2g**” (FERREIRA, 2008, p. 374).

Segundo Dias (2006), o significado da palavra “patrimônio” passou de tesouro artístico para “monumento histórico-cultural” de interesse dos Estados-nação, deixando de destinar-se apenas à contemplação restrita de privilegiados e tornando-se representação da identidade nacional e/ou de determinadas culturas. Atualmente o patrimônio pode ser “[ . . . ] compreendido como mais um recurso à disposição das comunidades para o seu desenvolvimento” (DIAS, 2006, p. 67).

Então, tendo-se esta concepção de “patrimônio”, o que vem a ser “patrimônio cultural”? O patrimônio, direcionado para o conceito de patrimônio cultural, é de difícil de definição, visto que esta concepção vem passando por diversas transformações nos últimos dois séculos:

Dessa forma, os conceitos norteadores da preservação não são, e de fato não poderiam ser, estanques. Patrimônio cultural é uma expressão que muito recentemente foi instituída como conceito-chave das ações preservacionistas, tendo passado por variações e, mesmo depois de oficialmente estabelecida como um conceito, se encontra em constante processo de reavaliação e ampliação, Patrimônio cultural é, portanto, um conceito dinâmico, um conceito nômade. (ZAMIN, 2006, p. 13).

Justamente devido ao fato de o patrimônio cultural possuir um conceito “nômade”, como menciona a autora, este conceito já passou por diversas mudanças ao longo do tempo, transformado de “tesouro artístico” em “recurso para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida das pessoas e de grupos”, e sendo associado a um conjunto de valores como beleza, estética, identidade, curiosidade e vários outros que lhe foram sendo agregados no decorrer desta evolução.

Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (2006), o patrimônio cultural “[ . . . ] é de fundamental

importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas”. Neste sentido, conforme Dias (2006, p. 68) o patrimônio cultural constitui o relato da história de antigas sociedades e possibilita a compreensão da relação dos bens patrimoniais e o contexto sociocultural em que foram criados, seus simbolismos e o modo de vida da comunidade que os gerou.

Nesse desenvolvimento do conceito atribuído ao patrimônio cultural, o mesmo sempre esteve relacionado aos monumentos históricos e artísticos, às antiguidades, às coleções, aos documentos, à identidade cultural e à memória coletiva como forma de sua representação, com maior ou menor relevância dentro de cada período. Atualmente, o patrimônio cultural está conectado principalmente à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade (FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PERNAMBUCO, [2011], *online*).

É considerado patrimônio cultural um conjunto de bens materiais e imateriais, legados dos nossos ancestrais e que serão transmitidos aos nossos descendentes com novos significados e interpretações de acordo com suas realidades socioculturais, sendo, portanto, uma ferramenta de reforço da identidade cultural e de elo entre passado e presente. Conforme o art. 216, inciso IV, da Constituição Federal de 1988, tem-se que:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais. (BRASIL, 1988, *online*).

Patrimônio cultural material, que incorpora também a definição de *bens tangíveis*, é composto por tudo aquilo que possa representar a capacidade de adaptação do homem ao seu meio ambiente e organização social, cultural e político, podendo ser: edificações antigas, ferramentas e objetos pessoais, vestuários, esculturas, monumentos, documentos, jardins, edificações militares, religiosas ou educacionais.

Já o patrimônio cultural imaterial, incorporado também pela definição de *bens intangíveis*, é formado por todos os conhecimentos que podem ser transmitidos, repassados de geração para geração, podendo ser representado por: herança histórica, tradições orais, língua, música, dança, costumes, crenças, festas, teatro,

técnicas e ofícios antigos e assim por diante. Assim, patrimônio cultural imaterial/intangível é abstrato, diferentemente do patrimônio cultural material/tangível, que é concreto, físico.

Nesse sentido, a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco corrobora, ainda, a fundamental importância do patrimônio cultural para a humanidade como elemento identitário e social:

[ . . . ] conserva-se a memória do que fomos e do que somos: a identidade da nação. Patrimônio, etimologicamente, significa "herança paterna" - na verdade, a riqueza comum que nós herdamos como cidadãos, e que se vai transmitindo de geração a geração. (FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PERNAMBUCO, [2011], *online*).

Foi esta evolução conceitual que permitiu que se chegasse até a atual valorização do patrimônio cultural, em que ele é tido como recurso econômico gerador de renda (no turismo, por exemplo) e como reforço da construção de uma identidade cultural, de memória social e de pertencimento inconsciente por parte dos indivíduos a determinados grupos históricos. Então, se este conceito nem sempre foi o mesmo, como se chegou ao conceito que se tem hoje de patrimônio cultural?

## 2.2 UMA EVOLUÇÃO CONCEITUAL

A concepção original de patrimônio cultural como sendo herança e/ou posse, evoluiu durante a Idade Média, passando a ser associada à ideia de algo que é sagrado e que se respeita, porém a diferença significativa surgiu durante o Renascimento.

Dias (2006, p. 69) descreve que no período renascentista o patrimônio começou a ser identificado com o passado histórico, apresentando singularidades e diversidades que o distinguem do presente por ser a representação de outra época.

Por ser idealizada como uma época de grandes realizações humanas das civilizações egípcias, gregas e romanas, no Renascimento diversos objetos como monumentos, artefatos e esculturas tornaram-se ícones de "adoração". Assim, foi no Renascimento que o conceito de patrimônio passou a ter uma de suas dimensões atuais: atribuição de valor histórico dos objetos como produto cultural de uma determinada época.

Dias (2006) constata que

[ . . . ] os renascentistas adotaram o patrimônio de valor artístico e passaram a venerá-lo também por sua beleza estética, particularmente nos séculos XV e XVI, com a difusão da arte clássica. No Renascimento, pela primeira vez, uma cultura distante mais de um milênio no tempo é considerada ancestral do presente. (DIAS, 2006, p. 69).

A partir do momento em que o patrimônio passou a ter interesse histórico e artístico para os indivíduos e a sociedade, passou-se a buscar, recuperar e preservar os bens do passado. A nobreza da época passou, também, a ser educada de forma a venerar e cultuar o passado e, portanto, o patrimônio que o representa e identifica, mas este processo mudou a partir da Revolução Francesa em 1789.

A partir de Silva (2007), compreende-se um pouco do porquê da destruição do patrimônio cultural durante a Revolução Francesa:

De imediato, o único fim possível para esses bens era a total destruição, pois representavam exatamente o que a Revolução queria negar. Nesse sentido, pretendia-se destruir o próprio passado, e reconstruir uma nova sociedade. No entanto, alguns homens de percepção mais aguçada perceberam que não era possível construir uma sociedade a partir do nada, logo era necessário preservar alguns bens por seu valor pedagógico e artístico e aqueles que poderiam representar a identidade da nação. (SILVA, 2007, *online*)

Então, é na Revolução Francesa que todos os bens e as coleções da Igreja católica, da nobreza e da monarquia são apropriados pelo Estado e reunidos em quatro grandes museus: Museu da República (atual Museu do Louvre), Museu da História Natural, Museu de Monumentos Franceses e o Museu de Artes e Ofícios. Estes museus são criados no ano de 1791, sendo abertos à visitação pública, acompanhando o surgimento de diversos outros museus em toda a Europa, devido a ascensão da burguesia e a valorização que o Estado passou a atribuir às coleções privadas da aristocracia.

Neste período da história restringia-se o valor patrimonial a estes objetos aristocráticos e desprezava-se os advindos das classes baixas, pois

[ . . . ] como as obras de arte eram consideradas dotadas de muito mais valor do que um objeto de uso utilitário, sobretudo aqueles oriundos das chamadas classes subalternas, inúmeros testemunhos da história se perderam, em especial o material de uso cotidiano encontrado nas escavações arqueológicas dos séculos XVIII e XIX. A lógica que presidia as escavações era a da busca de objetos de interesse artístico que apresentavam interesses de mercado. Os vestígios que não contemplavam tais interesses não foram conservados. Há também que considerar que a obra ou o objeto elevado à condição de bem patrimonial era isolado do uso

e disponível apenas para a contemplação. (ZANIRATO; RIBEIRO, 2006, *online*).

Em seus estudos relacionados à memória e história, Pierre Nora (1993, p. 7) defende que no processo histórico decorrido do crescimento industrial houve uma desintegração de uma memória atrelada a uma coletividade, sociedade e ideologias. Esse movimento acabou por conduzir a uma perda de uma identidade unificadora de uma coletividade que estaria correlacionada a esta memória.

Neste sentido, Pierre Nora referencia a dificuldade de existência da memória fora de sua portadora, a sociedade, pois:

Menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através dela. Daí a obsessão pelo arquivo que marca o contemporâneo e que afeta, ao mesmo tempo, a preservação integral de todo o presente e a preservação integral de todo o passado. (NORA, 1993, p. 14).

Frente a essa realidade de corrosão da memória e da identidade, aflorou a vontade unânime de manter os registros da ação humana, na esperança de que no futuro fosse possível evocar esta memória e identidade. Neste momento os museus, os arquivos e as bibliotecas passaram a ser os guardiões desse patrimônio, possuindo função política de fortalecimento dos chamados Estado-nação, a fim de auxiliar na construção da identidade nacional “[ . . . ] que precisava ser fortalecida perante o antigo regime identificado com a Igreja e com a nobreza” (DIAS, 2006, p. 70).

Ao ser identificado com o Estado, foi atribuído ao patrimônio um novo valor além do valor histórico e artístico já existente: o valor político. Durante todo o século XIX e parte do século XX, permanece a ideia de patrimônio público, estatal e nacional como elemento de formação e consolidação das identidades nacionais, o que passou a justificar a conservação desses bens.

Com o surgimento da percepção de que as bibliotecas, os arquivos e os museus eram depósitos do passado em que as manifestações artísticas (como obras de arte) predominavam, estes perderam sua função educativa e passaram a ser freqüentados principalmente por indivíduos com poder aquisitivo e intelectuais. Para Dias (2006, p. 72), isto passou a ocorrer “[ . . . ] com o intuito de restringir o acesso ao patrimônio, que era considerado pertencente à cultura erudita, identificada com as elites”.

Conforme Zanirato e Ribeiro (2006), evidenciou-se a urgência em estabelecer direitos e deveres voltados para a humanidade logo após a Segunda Guerra Mundial, no ano de 1945. Neste momento, em que o patrimônio passa a se constituir através da dimensão cultural, social, econômica e política e estas três unidades informacionais (bibliotecas, arquivos e museus) retomam o seu caráter educativo, volta-se a ampliar seu público sem a restrição de classes. É neste período que o patrimônio cultural volta a aproximar-se de sua atual concepção.

A fim de intervir mundialmente na educação, ciência e cultura, foi criada em 1946 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Daí em diante, foi a UNESCO que assumiu o compromisso de regular e controlar medidas capazes de possibilitar (de forma efetiva) a conservação do patrimônio em escala internacional, tendo seu posicionamento reforçado em dezembro de 1948 através da emissão da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que estabeleceu o direito à educação e à cultura como prerrogativas mundiais (ZANIRATO; RIBEIRO, 2006, *online*).

Durante a Convenção sobre Patrimônio Mundial da UNESCO em 1972, foi lançada uma proposta para o conceito de patrimônio, na qual se sugeria sua divisão por categorias. Estas categorias consistiam nos monumentos (obras arquitetônicas, esculturas, obras de arte e outros), conjuntos (grupos de construções) e lugares (obras conjuntas do homem e da natureza). A partir destas categorizações, atualmente o patrimônio cultural está definido como sendo “[ . . . ] composto por monumentos, grupos de edifícios ou sítios que tenham um excepcional e universal valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico” (UNESCO, 2011, *online*).

O patrimônio cultural, além dos valores históricos, artísticos, científicos, educativos e políticos, incorpora outros conceitos que se relacionam com o território e com a construção da identidade cultural de uma população. Desta forma, uma das características mais importantes do patrimônio é o fato do mesmo ser tomado como referência para a construção de identidades culturais “[ . . . ] pelas mais diversas estruturas sociais e mesmo pelos cidadãos, em nível individual, de forma a converter-se em capital simbólico da sociedade” (DIAS, 2006, p. 73).

### 2.3 EU LEMBRO, TU LEMBRAS, ELE LEMBRA, NÓS LEMBRAMOS...

Quando se pensa em “memória”, por si só, esta nos remete com frequência ao ato de guardar as ideias, os pensamentos e os conhecimentos que chegam até nós, sendo normalmente associada às lembranças. De imediato podemos ser remetidos também ao ato de “decorar”, ideia reforçada e complementada pelo próprio Dicionário Brasileiro, onde a definição exata da palavra é tida como:

**me.mó.ri:a** *sf.* **1.** Faculdade de reter as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos. **2.** Lembrança, reminiscência. **3.** Dissertação sobre assunto científico, literário ou artístico. [ . . . ] De memória. Com uso da memória, sem necessidade de rever, reler, ouvir novamente, etc. (FERREIRA, 2008, p. 333).

Le Goff (1996, p. 423), quando menciona esta questão, reconhece que a definição de memória é de suma importância, fazendo-se necessária esta concepção para que se compreenda as demais ocorrências da própria memória. O autor menciona que no campo científico global, na perspectiva de conservação de ideias, pensamento e informações, a memória compreende um conjunto de funções psíquicas que permitem ao ser humano poder atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele, homem, entende como passadas. Dentro do campo científico o estudo da memória abrange a psicologia, a biologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia e, até mesmo, a psiquiatria, mas deve-se considerar que em qualquer uma dessas áreas certos aspectos do estudo da memória podem evocar de forma simbólica ou concreta os traços e questionamentos da memória histórica e da memória social.

Historicamente, a memória passou por transformações dentro das antigas civilizações, recebendo valorizações distintas em cada umas delas. Segundo Kessel (2007) em cada época procurou-se explicar a memória através de metáforas compreensíveis, construídas em torno dos conhecimentos que caracterizavam o momento histórico vivido. Devido a estas mutações, faz-se necessário perceber estas mudanças de percepção da memória, mesmo que de forma mais generalista, em linhas gerais.

Nas sociedades sem escrita as atividades da memória envolviam os mitos de sua origem, bem como os seus conhecimentos práticos, técnicos e profissionais, como destaca Jacques Le Goff. Nestas sociedades, a memória é resguardada pelos



homens-memória, ou seja, os chefes de família mais idosos, os sacerdotes e também os tradicionalistas, responsáveis por manter os grupos unidos, coesos. Estes homens-memória utilizavam-se de narrativas, sendo raras as mnemotécnicas (mais presentes no canto e na poesia), o que propiciava à memória mais liberdade criativa e a tornava menos repetitiva. No ensino o apreço à memória era maior, tanto que o alfabeto grego era utilizado para a transcrição de leis, mas não para o restante, resguardando as suas doutrinas da divulgação e evitando o detrimento da memória em favor da escrita, uma vez que os textos poderiam diminuir a aprendizagem decorada e diminuir a memória natural dos alunos.

Já na Grécia antiga, os gregos divinizavam a memória, considerando-a uma deusa, denominada Mnemosine. A deusa Mnemosine é aquela que lembra aos homens os grandes heróis e seus feitos, que preserva do esquecimento, orientando a poesia lírica e revelando aos poetas os segredos do passado. Segundo sua mitologia, Mnemosine teria gerado nove musas com Zeus durante nove noites, sendo elas: Clio, a musa da História; Euterpe, a musa da poesia lírica; Tália, a musa da comédia; Melpômene, a musa da tragédia; Terpsícore, a musa da dança; Érato, a musa do verso erótico; Polímnia, a musa dos hinos sagrados e da narração de histórias; Urânia, a musa da astronomia; Calíope, a musa da eloquência. Conforme Corrêa (2009, p. 4) as nove musas revelam o aparecimento do mundo, a gênese dos deuses, o nascimento da humanidade, e, quando possuído pelas Musas, o poeta inspira-se diretamente na ciência de Mnemosine, ou seja, da memória.

Le Goff (1993, p. 439) acrescenta que, como os gregos acreditavam que os registros auxiliavam para o enfraquecimento da memória, a combinação entre a laicização da memória e o surgimento da escrita na Grécia, possibilitaram a criação de novas técnicas de memorização, as mnemotécnicas. As mnemotécnicas (embasadas na distinção entre *lugares* e *imagens*) modificam os mitos da memória e os desequilibraram, colocando a memória fora do tempo e separando “memória e história” radicalmente, pois este esforço de rememoração não manifesta interesse pelo passado e nem uma tentativa de exploração do tempo humano. Metaforicamente, cria-se uma relação tensa entre a deusa Mnemosine (memória) e a musa Clio (história), que se mantém até hoje.

Mais à frente a memória é posta sob o foco da retórica, em que há a união entre a linguagem oral e escrita. No império romano os imperadores se apropriam da memória ao criar monumentos e inscrições públicas em seu benefício, exaltando a

memória epigráfica. No período medieval, ganha importância a memória litúrgica, isto é, voltada para a memória dos mortos, principalmente dos santos, articulando a oralidade e a escrita no ensino. A memória cristã surge como um aprofundamento e uma adaptação da antiga teoria retórica da memória, manifestando-se essencialmente na comemoração de Jesus em suas datas (Natal, Quaresma, Páscoa e Ascensão) e na recordação dos santos, mártires e mortos, numa profusão de celebrações litúrgicas. Tratava-se também da conservação da memória dos milagres (juntamente com os santos) e da valorização dos idosos, por serem estes considerados homens-memória, na Idade Média. Assim, para Le Goff (1993, p. 449), “[ . . . ] a memória tinha um papel considerável no mundo social, no mundo cultural e no mundo escolástico”.

Nesta passagem das sociedades orais para as sociedades escritas foram sendo criados cada vez mais recursos artificiais de memória, como o surgimento da imprensa e da tipografia. Kessel (2007) conclui que foram sendo desenvolvidos artifícios cada vez mais sofisticados para guardar e disseminar a memória em textos e imagens, processo de desenvolvimento que culmina com o surgimento do computador, que é capaz de guardar grandes quantidades de informações e abarcar todos os meios criados anteriormente para registrar e armazenar a memória.

Neste sentido, Le Goff (1993) destaca que a concepção de memória enriqueceu-se ao adquirir uma dimensão metafórica, quando relacionada à cibernética, e outra dimensão voltada à memória humana consciente, quando relacionada à biologia, pois se passou a mencionar tanto a memória central dos computadores quanto o código genético humano, que é apresentado como uma “memória de hereditariedade”.

No que se refere a esta memória eletrônica, há grandes diferenças entre a memória humana e a memória da máquina, uma vez que esta primeira seja instável e maleável, enquanto que a segunda é extremamente estável, “[ . . . ] algo semelhante ao tipo de memória que representa o livro, mas combinada, no entanto, com uma facilidade de evocação até então desconhecida” (LE GOFF, 1993, p. 468). Em um primeiro momento este “cérebro artificial”, que é a máquina, pode parecer superior ao cérebro humano, mas tão logo se observe que esta memória eletrônica só funciona sob o domínio humano, está ideia se desfaz:

Mas torna-se necessário constatar que a memória eletrônica só age sob a ordem e segundo o programa do homem, que a memória humana conserva um grande setor não-“informatizável” e que, como todas as outras formas de memória automáticas aparecidas na história, a memória eletrônica não é senão um auxiliar, um servidor da memória e do espírito humano. (LE GOFF, 1993, p. 468-469).

O autor expõe, ainda, que estas novas concepções da memória criaram uma extensão memória-máquina-vida (e vice-versa), o que também refletiu nas pesquisas dos psicólogos sobre a memória. Estas pesquisas propiciaram a passagem de um estágio empírico (extraído das vivências e dos acontecimentos) a um estágio mais técnico, uma vez que os interesses mudaram através das novas ciências como a cibernética e a linguística.

A partir daí, os psicanalistas e psicólogos exaltaram que (consciente ou inconscientemente) o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição e a censura exercem uma espécie de *manipulação* sobre a memória individual, da mesma forma que a memória social foi levantada como elemento chave da disputa pelo poder na sociedade, por exemplo.

O interesse sempre crescente na questão da memória passou a envolver aspectos da cultura, das relações familiares, da religião, dos costumes e hábitos da população de uma região além de outros tantos aspectos que voltam o olhar dos pesquisadores sobre a formação social da memória e, conseqüentemente, sobre os tratados de Maurice Halbwachs, que é o que legitimamente nos interessa no contexto deste estudo. Jacques Le Goff, assim como outros autores, menciona a memória individual e a memória social/coletiva, mas esta menção se torna impossível sem que se rebusque os conceitos lançados por Halbwachs, que foi quem, primeiramente, realizou estas distinções e as colocou em voga.

Nascido em 1877, Maurice Halbwachs foi um importante filósofo e sociólogo alemão que possuía como centro do seu pensamento as relações entre a memória e a sociedade, vindo a revolucionar a percepção da memória através das análises conceituais de “memória coletiva” em sua obra póstuma “La mémoire collective”, escrita antes de sua morte, em 1945.

Maurice Halbwachs discorre tranquilamente sobre os processos de ocorrência da memória e das lembranças, expondo que quando um indivíduo quer fortalecer, enfraquecer ou completar as informações que já possui sobre uma ocasião ou um evento, ele recorre a testemunhos. Primeiramente o indivíduo sempre recorre a si

mesmo, ao seu próprio testemunho, e neste momento é como se ele fosse composto de “dois” ao mesmo tempo, em que um é denominado de “*ser sensível*” e o outro é denominado de “*eu*”: o *ser sensível* é aquele que depõe sobre o que viu, enquanto o *eu* é aquele que não viu (ou viu em outra ocasião), mas que pode ter formado uma opinião embasada no depoimento de outros. Aqui há o encontro do que realmente foi visto, com os elementos da percepção individual, dos sentimentos e impressões que surgiram de tal ocasião, onde é possível realizar esse “balanço”. Halbwachs exemplifica este fato ao supor uma visita a uma cidade em que já se esteve em outra ocasião, cujas novas percepções ajudam a reconstruir as partes já esquecidas, e explica:

Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente. É como se estivéssemos diante de muitos testemunhos. Podemos reconstruir um conjunto de lembranças de maneira a reconhecê-lo porque eles concordam no essencial, apesar de certas divergências. (HALBWACHS, 2006, p. 29).

Neste processo as impressões do indivíduo não se apoiam somente em suas lembranças, mas também nas impressões dos outros indivíduos que compartilham dessas mesmas lembranças, o que dá a impressão de recomeço, pois “[ . . . ] nossa confiança na exatidão de nossa lembrança será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas” (HALBWACHS, 2006, p. 29). Assim, o compartilhamento de lembranças em um grupo torna-se um eterno recomeço tanto para o que recorda, quanto para os que o ajudam nesse processo de recordação, em um fluxo contínuo e ritmado.

Mesmo que só um indivíduo tenha visto ou presenciado um fato, as suas lembranças permanecem coletivas e podem ser-lhe lembradas pelos demais indivíduos, pois na realidade nunca se está sozinho, sempre se traz alguém consigo internamente, mentalmente. Não é necessário que os outros indivíduos estejam presentes fisicamente, “[ . . . ] materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 1968, p. 30). Mesmo que alguém realize um passeio solitariamente, não se pode dizer que esta pessoa guardou lembranças individuais, pois em determinados momentos do passeio ela se volta para a lembrança do que certo amigo lhe disse sobre aquele lugar visitado. Através dessa recordação, o indivíduo

viajante assume o ponto de vista de seu amigo e, desta forma, se volta para o grupo (ou sociedade) a que ambos pertencem:

Outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo. Mais do que isso, elas me ajudam a recordá-las e, para melhor me recordar, eu me volto para elas, por um instante adoto seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas das ideias e maneiras de pensar a que não me teria elevado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas. (HALBWACHS, 2006, p. 31).

Imagens impostas pelo meio em que se vive podem vir a modificar uma impressão própria que se guardou de um fato antigo ou de uma pessoa, numa espécie de distorção, fundindo e confundindo lembranças reais com lembranças fictícias, mas também pode ocorrer de que estas lembranças alheias sejam as exatas e que venham a corrigir as lembranças falhas do indivíduo que lembra. Conforme Halbwachs (2006) isso ocorre porquê:

Em um e outro, quando as imagens se fundem muito estreitamente com as lembranças e parecem tomar sua substância emprestada a estas, é porque nossa memória não estava como uma tabula rasa, e nós nos sentíamos capazes de nelas distinguir, por nossas próprias forças, como num espelho turvo, alguns traços e alguns contornos (talvez ilusórios) que a imagem do passado nos trazia. (HALBWACHS, 2006, p. 32).

Ao mesmo tempo em que não é necessária a presença física dos demais indivíduos do grupo para auxiliar na confirmação ou recordação de uma lembrança, estes não seriam suficientes, pois mesmo que várias pessoas confirmem um fato e apresentem provas irrefutáveis da participação de alguém, este pode continuar se sentindo alheio ao evento, como se dele não houvesse participado. Assim, não basta que este indivíduo tenha participado ou estado presente em um evento, pois é necessário que se atribua “[ . . . ] uma espécie de semente da rememoração a este conjunto de testemunhos exteriores a nós para que ele vire uma consistente massa de lembranças” (HALBWACHS, 2006, p. 33). É necessário que haja esta rememoração, esta recordação dentro do próprio indivíduo, partindo primeiramente dele, para que ele consiga lembrar através dos testemunhos alheios que lhe são apresentados.

Em contrapartida, se determinado acontecimento não deixa nenhuma marca na memória do indivíduo que o vivenciou e este não consegue reconstruir nenhuma

parte do fato, os testemunhos externos de nada lhe servem, pois não conseguirão (por mais que se tente) transformar a descrição do acontecimento em uma lembrança. Isto ocorre porque o grupo no qual o indivíduo antes estava inserido já não existe mais e ele já não pensa mais nele, sendo inviável a reconstituição de sua imagem. Também pode ocorrer de um indivíduo estar inserido nas memórias de um grupo sem nem mesmo saber, como, por exemplo, em um grupo escolar, em que os alunos rememoram fatos que incluem um professor, mas dos quais o próprio professor não se recorda. Neste caso, o grupo mesmo que em uma parcela menor, manteve-se integrado durante um período mais extenso (formando uma memória coletiva), enquanto que o professor possuiu diversas turmas ao longo de sua vida, não fixando memórias delas após o término de seu contato. Diz-se, então, que este tipo de memória está limitado à duração do grupo.

Para Halbwachs, a memória individual não é uma condição essencial e suficiente para a recordação e o reconhecimento das lembranças, pois se uma lembrança foi suprimida “[ . . . ] se não nos é mais possível reencontrá-la, é porque há muito tempo não fazemos parte do grupo na memória do qual ela se mantinha” (HALBWACHS, 2006, p. 39). Aqui o autor deixa claro que os testemunhos não bastam para que a memória de um indivíduo se beneficie da memória dos demais indivíduos, sendo necessário que estas memórias concordem entre si através em vários pontos, para que a lembrança seja reconstruída em uma mesma base, uma base comum, pois:

É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito e continuarem fazendo parte da mesma sociedade, de um mesmo grupo. [ . . . ] Desapareceu uma memória coletiva mais ampla, que ao mesmo tempo compreendia a minha e a deles. (HALBWACHS, 2006, p. 39-40).

Até aqui consegue-se compreender que, mesmo estando fisicamente sozinho, o indivíduo carrega em si pensamentos e pratica atos que se justificam em sua natureza de “ser social”, não deixando de estar inserido em algum grupo, alguma sociedade, por nenhum momento. Da mesma maneira, Halbwachs (2006, p. 42) expõe que as lembranças que não podem ser relacionadas de alguma forma a um grupo (porque o indivíduo estava sozinho tanto física quanto psicologicamente), bem como imagens que podem ser recordadas apenas pelo indivíduo (por não estar no

pensamento de nenhum grupo) através de um ponto de vista somente seu, são mais raras, talvez excepcionais, mas ocorrendo podem bastar para provar que a memória coletiva não justifica e não explica todas as lembranças desse indivíduo e talvez não explique a evocação de quaisquer de suas lembranças. Estas lembranças compreendem uma memória individual.

Na base de toda e qualquer lembrança há o estado de consciência estritamente individual, chamado de *intuição sensível*, que serve para fazer essa distinção entre as percepções em que há elementos do pensamento social. É através do ponto inicial das lembranças que se dá o destaque entre as mesmas e se explica o fato de estarem no ponto de cruzamento entre duas ou mais séries de pensamentos, que as interligam a diversos outros grupos. A memória individual ocorre quando as lembranças do indivíduo não se apoiam em nenhuma memória coletiva, no ponto de cruzamento de duas esferas: em uma esfera uma série de pensamentos que ligam o indivíduo a um grupo, e, na outra, as sensações, as impressões que o indivíduo tem das coisas:

Os pontos em que essas influências se encontram e se cruzam talvez correspondam, no quadro de seu passado, a imagens mais distintas, porque um objeto que iluminamos dos dois lados e com duas luzes nos desvenda mais detalhes e se impõe mais à nossa atenção. (HALBWACHS, 2006, p. 49).

Exposto isto de outra forma, quando determinados pontos de vista que não podem ser atribuídos ao grupo atual e também não podem ser atribuídos ao grupo anterior ou posterior de convivência, estes são atribuídos ao próprio indivíduo, pois são “uma espécie de resíduo de impressão que escapa tanto ao pensamento como à memória de uns e de outros, e que só existem para mim” (HALBWACHS, 2006, p. 51).

No que tange às lembranças, há aquelas que existem “para todos” e que podem ser recordadas a qualquer momento e quando se deseja, pelo fato de se apoiarem na memória dos outros, ao mesmo tempo em que há as lembranças das quais não se consegue recordar à vontade, pois não pertencem aos outros e sim ao indivíduo, que somente pode reconhecê-las. As lembranças mais difíceis de evocar pertencem, portanto, ao indivíduo, e não ao grupo, formam o seu bem mais exclusivo e só podem escapar ao grupo se escaparem ao próprio “dono” dessa memória: a partir do momento em que o indivíduo não detém mais uma lembrança

que é somente sua, esta se perde para todas as outras pessoas e para sempre, invariavelmente.

As lembranças apresentam graus diferentes de complexidade em sua evocação, pois as que ressurgem mais facilmente e estão sempre ao alcance pertencem aos grupos em que se tem mais liberdade, relacionamento estreito, ambientes familiares, enquanto que em outros grupos as relações são mais restritas, quase invisíveis, que se comunicam através de elos escondidos. Halbwachs diz que são estes elos, os quais denomina analogicamente de veredas, que nos levam às memórias individuais:

É nesses caminhos, nessas veredas escondidas que encontraríamos as lembranças que nos dizem respeito, assim como um viajante pode considerar sua propriedade um manancial, um grupo de rochedos, uma paisagem a que chegamos somente saindo da estrada, ou uma outra a que podemos atingir por uma trilha deserta mal traçada. (HALBWACHS, 2006, p. 68).

Ao passo que a memória coletiva existe e está tão presente devido ao fato de ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos desses grupos que guardam essa memória e que apoiam suas lembranças umas nas outras em uma massa de lembranças comuns, mas não são estas mesmas lembranças que serão mais intensas para cada um deles. A memória individual resulta das mudanças ocorridas nas relações sociais de cada indivíduo, das transformações dos ambientes coletivos, tomados juntos e separadamente. Esta é uma memória resultante da fusão de muitos elementos diversificados e isolados, residente neste espaço entre o meio social e o indivíduo:

De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. (HALBWACHS, 2006, p. 69).

A memória individual surge da junção de muitos pensamentos coletivos embaralhados, de uma chamada multiplicidade, em que não se consegue atribuir as lembranças exclusivamente a nenhum grupo, a nenhuma fonte. De forma mais simplista, a memória individual é composta pelas percepções extraídas das vivências pessoais do indivíduo, pertencentes somente a ele, mas que não deixam de depender do seu relacionamento com a família, com a escola, com a igreja, com



o trabalho e com os seus demais grupos de convívio e de referência. As lembranças agrupam-se, desta forma, em torno de um determinado indivíduo e de seu ponto de vista, nunca estando fechadas e isoladas. Isto ocorre porque, para rebuscar seu próprio passado, o indivíduo geralmente se reporta às lembranças das outras pessoas e aos pontos de referência determinados pela sociedade, fora de si.

Assim, a memória individual tem seu funcionamento e desenrolar através das palavras e das ideias, ferramentas que partem do ambiente, mas jamais se confunde com a memória individual dos demais, pois ela parte do que o indivíduo viu, sentiu, vivenciou, experimentou ou pensou em determinado momento. Esta memória é inteiramente do indivíduo e estão inteiras dentro dele. Halbwachs (2006, p. 72) complementa, ainda, que esta é, portanto, uma memória que está estreitamente limitada ao espaço e ao tempo.

No que compete à memória social ou coletiva, como preferir, pode-se dizer que também ocorrem estes fatos explicitados, com a diferença de que os limites dessa memória podem ser mais estreitos e também mais distanciados, longínquos. Não se pode ignorar que, conforme Halbwachs (2006, p. 98), para que a memória dos outros venha a reforçar, completar e contribuir com a memória do indivíduo é preciso que as lembranças desses grupos não deixem de ter alguma relação com os acontecimentos que constituem o seu próprio passado.

Muitas vezes as pessoas se referem a acontecimentos ocorridos em seu país, como se lembrassem deles, mas estes são acontecimentos que são conhecidos somente através de relatos orais de quem os vivenciou ou da leitura de publicações periódicas como o jornal, por exemplo. Estes acontecimentos marcam fortemente o pensamento nacional, pois fazem parte da memória do país, sendo que para um indivíduo acessá-los, necessita inteiramente da memória das outras pessoas, que é sua única ponte de acesso a estas informações. Para Halbwachs (2006, p. 72), esta trata-se de uma bagagem de lembranças históricas, que pode ser aumentada por meio de conversas ou leituras, mas é uma memória tomada de empréstimo e possível de ser imaginada, porém quase impossível de ser lembrada.

Aqui já distingui-se uma outra forma de memória, a *memória histórica*. É nesta chamada memória histórica que seriam encontrados todos os fatos históricos que as pessoas conhecem: nomes de “personagens” conhecidos, datas, histórias, citações e uma infinidade de outras diversas representações históricas. Na concepção de Halbwachs, estas representações da memória histórica deixam marcas superficiais

na vida do indivíduo, pois não possuem relação com a sua memória individual e suas impressões, exercendo assim um papel secundário.

Em contrapartida, Michael Pollak também faz menção, mas de forma um pouco diferente, a esta bagagem histórica a que Halbwachs se refere. Para Pollak (1992) as memórias individuais e coletivas são constituídas por dois tipos de acontecimentos: acontecimentos vividos pessoalmente e acontecimentos vividos por tabela. Dentro destes acontecimentos vividos por tabela incluem-se todos os eventos que não pertencem ao espaço-tempo do indivíduo ou do grupo, ou seja, são eventos que fazem parte de uma memória histórica:

É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada. De fato [ . . . ] podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação. (POLLAK, 1992, p. 2).

Sendo a memória histórica a sequência de eventos cuja lembrança a história mantém e sua possível semelhança com a memória social, Maurice Halbwachs questiona se não seria a memória histórica e os seus contextos que representam o essencial da memória coletiva, ao que responde:

[ . . . ] concluímos que a memória coletiva não se confunde com a história e que a expressão memória histórica não é muito feliz, pois associa dois termos que se opõem em mais de um ponto. A história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens. No entanto, lidos nos livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são selecionados, comparados e classificados segundo necessidades ou regras que não se impunham aos círculos dos homens que por muito tempo foram seu repositório vivo. Em geral a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. (HALBWACHS, 2006, p. 101)

Na memória coletiva é necessária a existência de uma espécie de movimento social contínuo e um fluxo de interatividade entre os indivíduos que formam um grupo. Para que exista memória, é imprescindível que o indivíduo ou grupo que lembra, tenha a sensação de que ela remonta a lembranças desse movimento contínuo, e por isso a história não pode ser memória: há uma interrupção entre os indivíduos que lêem a história (que está registrada em diferentes formas e suportes) e os protagonistas/atores/personagens dessa história.

O autor esclarece que a história e a memória se opõem, estão longe de serem sinônimos, distinguindo-se em dois aspectos básicos: a memória não é artificial e mantém do passado somente o que está “vivo” ou na consciência do seu grupo, já a história é dividida em períodos, com a permanente sensação de reinício distinto em cada um deles, de desligamento entre cada divisão temporal. O historiador Pierre Nora, em sua obra “Entre memória e história”, corrobora e complementa essas distinções entre a memória e a história em favor de Maurice Halbwachs:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. [ . . . ] A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quanto grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural, e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. [ . . . ] A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993, p. 9)

Na visão de Maurice Halbwachs, a descontinuidade que há dentro da história impossibilita que sejam recriadas correntes de pensamentos coletivos do passado, pois não há ligação “viva” com o presente. Os historiadores podem recriar e contar determinados fatos, mas não podem criar/recriar esses enlaces entre os grupos que protagonizaram os acontecimentos do passado e os grupos das gerações posteriores, pois há essa quebra temporal que distancia estes primeiros dos segundos. Assim, Halbwachs (2006, p.104) define que:

[ . . . ] no desenvolvimento contínuo da memória coletiva na realidade não há linhas de separação claramente traçadas, como na história, mas apenas limites irregulares e incertos. O presente (entendido como o período que se estende por certa duração, a que interessa à sociedade de hoje) não se opõe ao passado como dois períodos históricos vizinhos se distinguem. [ . . . ] A memória de uma sociedade se estende até onde pode – quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos de que ela se compõe.

Neste sentido, mais evidente ainda é o fato de que a história é única, é uma só, mesmo que se pense na história particular de um ou outro país, e as memórias coletivas são muitas, existe uma multiplicidade de memórias coletivas. Assim sendo,

história não é sinônimo de memória, mas Michael Pollak vê relação entre história e memória quando diz que a memória individual e a memória coletiva se alimentam da memória histórica, constituem-se também dela, no que ele denomina de *projeções* e exemplifica:

O que ocorre nesses casos são, portanto, transferências, projeções. Numa série de entrevistas que fizemos sobre a guerra na Normandia, que foi invadida em 1940 pelas tropas alemãs e foi a primeira a ser libertada, encontramos pessoas que, na época do fato, deviam ter por volta de 15, 16, 17 anos, e se lembravam dos soldados alemães com capacetes pontudos (*casques à pointe*). Ora, os capacetes pontudos são tipicamente prussianos, do tempo da Primeira Guerra Mundial, e foram usados até 1916, 1917. Era, portanto, uma transferência característica, a partir da memória dos pais, da ocupação alemã da Alsácia e Lorena na Primeira Guerra, quando os soldados alemães eram apelidados de “capacetes pontudos”, para a Segunda Guerra. Uma transferência por herança, por assim dizer. (POLLAK, 1992, p. 3)

Sob o seu ponto de vista, Jacques Le Goff (1993, p. 473) considera que a história e a memória sempre se confundiram, tendo a história se desenvolvido sobre o modelo da rememoração, da anamnese e da memorização, estando ela cada vez mais sob a pressão de memórias coletivas conforme o mundo preenche-se cada vez mais destas memórias. Para este autor, esta é uma história que se esforça para criar uma “história científica” (interpretada como revolução da memória) a partir da memória coletiva e que também fervilha a partir do estudo dos “lugares” da memória coletiva. Em outro momento, Le Goff (1993, p. 535) define, ainda, a história como a forma científica da memória coletiva, que se fundamenta em documentos (documentos/monumentos) que se impõem por si próprios.

Desta maneira, sendo a história a representação incompleta e problemática do que não existe mais, uma representação do passado, como explica Pierre Nora, e a memória plural e individualizadora, elo entre grupos, qual a representação dessa memória para a sociedade, qual a sua influência?

Para Michael Pollak (1993, p. 4-5), a memória é um fenômeno construído, em que a memória individual, consciente ou inconscientemente, faz *seleções* nas quais grava, exclui, relembra e suprime as lembranças em um processo de organização. Ao confirmar que a memória é um fenômeno construído social e individualmente, Pollak complementa dizendo que há uma relação fenomenológica entre a memória e a identidade de um indivíduo, o sentimento de identificação deste consigo mesmo, onde a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade:

Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 5).

O autor menciona que a construção da identidade possui três elementos principais, que são: sentimento de barreira física ou de pertencimento a um grupo; sentimento de *continuidade* no tempo; e, o sentimento de *coerência*, que se refere ao sentimento de *unidade* do indivíduo. Se houver o rompimento de algum desses elementos, Pollak (1992, p. 5) relata que isso reflete em um efeito patológico, como que remetendo o indivíduo a uma crise física/psicológica, uma vez que o sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si seja extremamente importante. Estes são elementos que permitem ao indivíduo situar-se socialmente, identificar-se e reconhecer-se mediante si próprio e os demais indivíduos. Pollak (1992, p. 7) enfatiza que

[ . . . ] quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual. Quando a memória e a identidade trabalham por si sós, isso corresponde àquilo que eu chamaria de conjunturas ou períodos calmos, em que diminui a preocupação com a memória e a identidade.

Jacques Le Goff (1996) compartilha dessa ideia de Pollak e descreve que na segunda metade do século XX a memória coletiva destaca-se quanto a sua importância no que tange à identidade, pois é o momento em que é tida como “reservatório móvel” da história, rica em bibliotecas, arquivos, museus e em documentos/monumentos, presente nas grandes questões e no desenvolvimento das sociedades. Le Goff (1996, p. 476) reverencia a memória como um “[ . . . ] elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje.

Para esse autor, o exemplo claro da perda de identidade a partir da perda da memória coletiva, exemplifica-se no caso do povo Etrusco, que possuía sua memória muito arraigada à aristocracia (que era plenamente identificada com a

nação), e a perdeu com a dizimação da nação. Esta aristocracia talvez tenha sido detentora do patrimônio cultural dos Etruscos, e nesse processo do seu desaparecimento, é possível que tenham sido perdidas suas tradições históricas, seus ritos, sua memória. Por isso, com o fim da nação, os Etruscos perderam a consciência de si mesmos, do seu passado.

Para arrematar, Lima e Alencar (2001, p. 29) crêem que a memória coletiva possui um papel essencial na formação de identidade do grupo, uma vez que os indivíduos se apresentam uns aos outros com o referencial de suas origens, construído a partir de uma memória compartilhada e transmitida através de gerações. Neste sentido, as autoras destacam que a memória coletiva resulta e expõe os valores culturais do grupo, pois demonstra os critérios que o grupo utiliza para sua seleção através de seus episódios memoráveis, marcantes.

Portanto, a memória social reflete também a valorização que a sociedade dá ao passado, podendo ser mais significativa quanto mais representar as vivências dos diversos segmentos sociais e mobilizar o mundo afetivo dos indivíduos, vasculhando suas lembranças particulares a fim de reconstruir o passado. As memórias são identidade, representam os indivíduos, os grupos sociais e a sociedade.

## 2.4 LUGARES DE MEMÓRIA

Para que alguma lembrança individual ou coletiva possa reaparecer, é ao espaço que o indivíduo ocupa ou ocupou que ele deve se reportar, pois este é o seu elemento primordial. Halbwachs pondera que cada sociedade “desenha” o espaço à sua maneira de forma linear, a fim de construir um contexto onde possa fixar e reencontrar suas lembranças, pois

[ . . . ] não é exato dizer que, para lembrar, é preciso que nos transportemos em pensamento fora do espaço, pois é ao contrário justamente a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar o passado no presente – mas é exatamente assim que podemos definir a memória e somente o espaço é estável o bastante para durar sem envelhecer e sem perder nenhuma de suas partes. (HALBWACHS, 2006, p. 189).

Assim, não existe memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial, pois o espaço é durável. As impressões de todos os indivíduos vão se

sobrepondo umas às outras e é no espaço que o passado se conserva e pode ser reencontrado. Halbwachs (2006, p. 188) menciona que sensações, reflexões e quaisquer fatos vivenciados, devem ser postos num local em que já se residiu ou pelo qual se passou na ocasião em que determinados sentimentos ocorreram e que continua existindo. Esta ideia é complementada por Giovanaz (2007, p. 238), que expressa que ambas as memórias, coletiva e individual, residem no espaço:

Não existe memória coletiva que não se desenvolva a partir de um quadro espacial, pois o espaço é uma realidade duradoura, enquanto nossas impressões se sucedem. Para que alguma lembrança individual que possuímos reapareça, é ao espaço que ocupamos, por onde passamos e que nossa imaginação a qualquer momento é capaz de reconstruir, que devemos nos remeter.

Os espaços são testemunhas da história, pois trazem registrados em si informações sociais, políticas e econômicas de suas comunidades locais passadas. Como expressa Andrade (2008, p. 570), a partir do momento em que o espaço sedimenta emoções e acumula sentimentos e importância, ele adquire particularidades que o transformam em “lugar”.

Enquanto um espaço não possuir afeições, referências ou sensações será apenas um espaço, mas na medida em que este espaço passa a registrar em si os movimentos da história, passando a ter significado próprio, torna-se um lugar, pois pode ser captado pela memória através dos sentidos e do corpo (que percebe todo o espaço através dos cinco sentidos). Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar.

Os lugares são transitórios e pessoais

[ . . . ] podem ficar gravados na memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação, mas não são guardados como instantâneos no álbum da família nem percebidos como símbolos comuns: lareira, cadeira, cama, sala-de-estar, que permitem explicações detalhadas. (TUAN, 1983, p. 156)

As memórias que eternizam os lugares e os tornam referência e cenário das lembranças dos indivíduos, são importantes portas para rebuscar o passado, “[ . . . ] trazendo em si, os mais diversos sentimentos documentados e aflorados em narrativas, sonhos e percepções” (ANDRADE, 2008, p. 570). Esses lugares, carregados de significados, são os chamados “lugares de memória”, uma vez que são materiais, simbólicos e funcionais.

O lugar de memória se dá através da solidificação da memória no lugar em que ela (memória) serve de elo com o passado. Baller (2008, p. 21) complementa que estes lugares de memória são locais de rememoração do passado, que pretendem evitar o esquecimento, enfatizando a sensação de continuidade e pertencimento por parte dos homens de uma sociedade.

Neste sentido, quando menciona a questão da memória individual e social, Maurice Halbwachs expõe que a lembrança não é completamente uma ilusão, uma vez que não seja encontrada no momento exato que se quer, pois tem-se de esperar as circunstâncias ideais. O autor menciona que o reconhecimento de uma figura ou de um lugar, quando voltam a se encontrar no campo de percepção do indivíduo, possui participação nessa rememoração, pois tem-se a impressão que por mais que houvesse vontade, aquele lugar seria impossível de ser reconstituído. E complementa:

Absolutamente não estamos enganados:reconhecemos muito bem esse lugar e ao mesmo tempo recordamos a disposição de espírito em que estávamos quando o vimos, parece que a lembrança permaneceu, agarrada às fachadas daquelas casas, aguardando ao longo daquela vereda, na borda daquela enseada, nesse rochedo em forma de cadeira – e, quando voltamos a passar por lá, damos uma paradinha e ela retoma em nossa memória um lugar que, sem isso, jamais teria sido ocupado. (HALBWACHS, 2006, P. 53).

Michael Pollak (1992, p. 2-3), antes de Baller, já mencionava os “lugares de memória” da seguinte forma:

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela.

A medida que as pessoas criam seus lugares de memória, as cidades passam pelo mesmo processo de acumulação de memórias que se somam e acabam por gerar um “[ . . . ] lugar de memória onde a comunidade vê partes significativas de seu passado com imensurável valor afetivo” (ANDRADE, 2008, p. 570).



O grande precursor do conceito de “lugares de memória” foi o historiador francês Pierre Nora. Convencido de que os países e os grupos sociais de sua atualidade sofriam evidente transformação na relação que mantinham tradicionalmente com o passado, Pierre Nora atribui este fato a uma das questões significativas da cultura contemporânea: o respeito ao passado – seja ele real ou imaginário – e o sentimento de pertencimento a um dado grupo; entre a consciência coletiva e a preocupação com a individualidade; entre a memória e a identidade.

Para Nora (1993, p. 12), foi na França que os estudos dos lugares tomaram sentido: por um lado sendo um estudo de reflexão da história sobre si mesma e, por outro lado, como um movimento que se deu com o fim de uma tradição de memória. Aqui, quando se fala no fim de uma tradição de memória, refere-se à ruptura que se deu na simbiose que havia entre a história, a memória e a nação, e que transformou a história em uma ciência social e a memória em um fenômeno puramente privado. Estes dois movimentos levaram ao elo que une o trabalho histórico aos objetos da memória. Nora (1993, p. 14) diz que:

O tempo dos lugares, é esse momento preciso onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para viver sob o olhar de uma história reconstituída. Aprofundamento decisivo do trabalho da história, por um lado, emergência de uma herança consolidada, por outro. Dinâmica interna do princípio crítico, esgotamento de nosso quadro histórico político e mental, suficientemente poderoso ainda para não nos deixar indiferentes, bem pouco consistente para só se impor por um retorno sobre seus mais evidentes símbolos. Os dois movimentos se combinam para nos remeter de uma só vez, e com o mesmo élan, aos instrumentos de base do trabalho histórico e aos seus objetos mais simbólicos de nossa memória: os Arquivos da mesma forma que as três Cores, as bibliotecas, os dicionários e os museus com o mesmo atributo que as comemorações, as festas, o Panthéon ou o Arco do Triunfo; o dicionário Larousse e o muro dos Federados.

Desta forma, conforme expressa o autor “[ . . . ] os lugares de memória são, antes de tudo, restos [ . . . ] mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação” (NORA, 1993, p. 14-15). Os lugares de memória vivem do sentimento de que se necessita criar esses lugares de rememoração do passado para se manter a história, o que não é possível apenas com a memória em si. Se a memória não está em todos os lugares, está na consciência individual do homem e a história pode perder-se. Os lugares de memória são lugares salvos da memória, ou visto de outro ângulo, são a memória materializada.

Pierre Nora (1993, p. 21-22) estabelece distinções entre os lugares de memória, destacando que estes podem ser *materiais*, *simbólicos* e *funcionais*: um lugar *material* como uma biblioteca, um arquivo ou museu, que só são lugares de memória se receberem valor simbólico através da imaginação; um lugar *funcional* como um livro, testamento ou manual, que somente serão lugares de memória se forem objetos de um ritual; ou, enfim, um lugar *simbólico* como uma fração do tempo, como um minuto de silêncio, que constitui uma lembrança concentrada.

Neste contexto, os patrimônios culturais podem assumir a condição de “lugar de memória” em suas cidades, uma vez que possuem grande importância social relacionada a sua participação na construção identitária da sociedade local. Assim, considera-se a biblioteca em patrimônio cultural edificado como lugar de memória, pois está extremamente carregada de valores e significados, sendo capaz de revelar memórias conservadas cuidadosamente em seu interior.

## 2.5 BIBLIOTECAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

O livro é uma ferramenta libertadora, que proporciona a cada indivíduo o ato de pensar, criar e imaginar, abrindo portas para um mundo novo e transformador. É ele que participa na formação crítica de cada indivíduo e em sua visão de mundo, contando ao homem a história do mundo através dos milênios. Nada supera o encantamento, a imaginação, a emoção da leitura de um livro, e é por este motivo, principalmente, que as bibliotecas se fazem tão importantes perante uma sociedade.

Em uma era incrementada com altas tecnologias, em que as mídias digitais certamente imperam, ainda se acredita que os livros, e conseqüentemente as bibliotecas, são o pilar cultural e a base para a educação, a memória e o desenvolvimento de uma sociedade, o que torna necessário que se volte o olhar mais atentamente para essas Unidades de Informação que agregam tanto para os indivíduos e para os grupos que nelas se refugiam.

O desenvolvimento da humanidade está intimamente atrelado ao registro do conhecimento humano desde tempos primordiais, transitando pelos mais diversos suportes que incluem entalhes em paredes rochosas, tábuas de argila, papiros, pergaminhos e todos os demais suportes que contam e guardam a história da humana até o século XXI. Este verdadeiro patrimônio imaterial precisa ser administrado, “cuidado” por pessoas especializadas, para que esta memória não se

perca e possa perpetuar mediante a passagem do tempo, no que as bibliotecas se mostram cruciais.

Segundo Milanesi (2002), essa atividade de buscar-o-que-foi-guardado e de guardar-o-que-foi-registrado (e de registrar-o-que-foi-imaginado) é a forma possível de manter viva a memória da humanidade, o que não seria possível sem as bibliotecas e os profissionais da informação nelas inseridos. Remonta-se uma longa trajetória das bibliotecas no mundo, que acompanha a própria história da escrita e das formas de registro do conhecimento humano através dos tempos e das civilizações.

Conforme o crescimento de registros da sociedade conveniu-se silenciosamente a necessidade de se criar locais para a guarda destes documentos, surgindo então as bibliotecas, que mais tarde passaram a demonstrar o grau de riqueza de uma sociedade, através de seus tamanhos e variedades, e o número delas por território passou a demonstrar o grau de desenvolvimento social. Enquanto os grandes acervos serviam para a preservação dos registros de diversas gerações, os menores acervos serviam para a educação dos jovens nas diversas áreas do conhecimento. Assim, as bibliotecas se formaram como lugares de ostentação e de armazenamento e criação de conhecimento, como no caso da mais famosa biblioteca conhecida, a Biblioteca de Alexandria.

Consta que na Idade Média, existiam três tipos de bibliotecas: as bibliotecas dos mosteiros e de ordens religiosas diversas, as bibliotecas das universidades e as bibliotecas particulares (quase sempre pertencentes aos reis, nobres ou grandes senhores). Com o estouro da imprensa e, conseqüentemente do livro impresso, a biblioteca recebeu uma existência própria. A desapropriação das bibliotecas reais e religiosas, ocorrida durante a Revolução Francesa, também propiciou a criação das bibliotecas nacionais a partir do sentimento de identificação da sociedade com esses acervos.

No século XIX e XX as bibliotecas, que possuíam função pedagógica, passaram a ser tidas como lugares de memória, como menciona Pierre Nora (1993, p. 8), a partir do crescimento industrial e o conseqüente “desmoronamento” da memória e de seus veículos, que exigiu essa espécie de materialização a fim de preservar a própria memória.

Na visão de Murguia e Yassuda (2007), as bibliotecas devem ser resguardadas tanto pelo fato de serem lugares de memória quanto por serem

lugares de informação e possuem a função social de “guardar” acervos destinados ao uso dos usuários e de sua identificação.

Já no contexto do poema de Silas Correa Leite, “Poema da Biblioteca”, a biblioteca indiretamente demonstra sua valorização cultural e se expressa como aquela que

[ . . . ] registra a própria civilização / Sou mais importante do que o pão / Sou forte, plena, cortejada e vaidosa / Sou cheia de luz em verso e prosa / Tenho brilho por ter romance de alguém / Sou altamente cultural também / Sou a que guarda os tesouros da terra / O Reino das Palavras, na paz e na guerra. (LEITE, 2011, *online*).

Saindo desta aura poética que circunda as bibliotecas, segundo Camargo (1999, p. 50 *apud* MURGUIA; YASSUDA, 2007, p. 74) estas Unidades de Informação são aquelas que reúnem, preservam e organizam acervos “[ . . . ] sob o critério do valor histórico e informativo, em torno de temas ou períodos da história”, o que as torna essenciais para a sociedade a nível cultural e informacional por abrigar um grande volume de seu patrimônio cultural. As bibliotecas são, assim, lugares de memória, informação e resguardo do patrimônio cultural, refletindo nos valores e na identidade dos integrantes de uma sociedade.

## 2.6 PEQUENA BIOGRAFIA DAS INSTITUIÇÕES

Cada uma das bibliotecas do Estado do Rio grande do Sul possui sua própria história e sua própria trajetória desde seu surgimento, por isso faz-se necessário o conhecimento, mesmo que breve, da trama biográfica das bibliotecas foco deste estudo.

Aqui, quer-se explicar sobre o desenvolvimento da Biblioteca Pública Pelotense, da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul e da Bibliotheca Rio-Grandense, como se, analogicamente, falaria do seu nascimento, da sua juventude e da sua maturidade perante o povo gaúcho.

### 2.6.1 Bibliotheca Pública Pelotense

A Bibliotheca Pública Pelotense (BPP) situada na cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, estando instalada em uma edificação considerada

patrimônio histórico e listada em um projeto chamado *Projeto Monumenta*. A Bibliotheca Pública Pelotense atualmente se distribui em um prédio de 1340 m<sup>2</sup> em estilo eclético, e está localizada no coração da cidade, no centro histórico de Pelotas. Trata-se de um prédio dividido em 6 setores em que se distribuem os atuais 200 mil livros e 60 mil periódicos, sendo um dos espaços reservado para as obras raras e valiosas, uma sala especial para o público infantil e uma outra sala do Rio Grande do Sul para abrigar os títulos editados no Estado ou com temática regional.

Erguido em etapas entre os anos de 1881 e 1915, o primeiro piso, projeto do arquiteto italiano José Izella, foi inaugurado em 1888. Caetano Casaretto projetou o segundo piso, que foi construído a partir do ano de 1911. A inauguração ocorreu em junho de 1915, sendo que está registrada em ata redigida pelo escritor regionalista João Simões Lopes Neto, que integrava a direção da Bibliotheca como secretário (BIBLIOTHECA PÚBLICA PELOTENSE, 2011, *online*).

Desde seu nascimento, alguns fatos marcaram a história da BPP, o que lhe agrega grande valor patrimonial, começando pelo ano de 1875. No dia 14 de novembro de 1875 foi realizada uma reunião com a presença de 45 pessoas, na qual foi criada formalmente a Bibliotheca Pública Pelotense, uma instituição sem vínculos governamentais e sem fins lucrativos, condição ainda existente nos dias atuais.

A fundação da BPP contou com a colaboração do jornalista Antônio Joaquim Dias e de João Simões Lopes, o Barão da Graça, que cedeu para a Bibliotheca a parte térrea de um prédio de sua propriedade, na atual esquina das ruas General Neto e Anchieta. Desta forma, a instalação efetiva da BPP se deu no dia 5 de março de 1876, contando com exatos 960 volumes.

Data de 1877 a primeira grande iniciativa da Bibliotheca Pública Pelotense a favor da comunidade, que criou cursos noturnos para as classes mais baixas:

Numa época de expressiva exclusão social, quando praticamente inexistia um sistema de ensino, a instituição passou a oferecer cursos gratuitos de alfabetização voltados especialmente para adultos. Na mesma linha começavam, em 1878, as conferências públicas, trazendo a Pelotas grandes nomes de todas as áreas de conhecimento. (INSTITUTO VOTORANTIM, [2008]).

Desde a sua fundação começaram a surgir doações da população pelotense para que se pudesse realizar a construção de uma sede própria para a BPP, por

isso em 18 de março de 1878 foi feito o aforamento perpétuo do terreno, localizado na Praça Coronel Pedro Osório. Neste mesmo ano, no dia 7 de setembro, foi lançada a pedra fundamental do atual prédio, tendo sua inauguração simbólica apadrinhada pelo Barão da Graça, devido ao seu fundamental papel na história da Bibliotheca.

O acervo foi deslocado para o atual prédio no ano de 1881, sendo que inicialmente o edifício da BPP (projetado pelo arquiteto Italiano José Izella Merotti e construído por Manoel Jorge Rodrigues) constituía-se de um único pavimento, que foi inaugurado apenas em 1888. Por iniciativa do Coronel Joaquim Augusto Assunção, o arquiteto Caetano Casaretto realizou o projeto do segundo pavimento da Bibliotheca, que se iniciou no ano de 1911 e teve sua inauguração no ano de 1915.

De extrema qualidade, a proposta teve como ponto alto o conjunto formado pela escada que leva ao segundo pavimento, estrutura de apoio do mezanino e a grande clarabóia que coroa este espaço e o salão de leitura. Os principais materiais utilizados foram o ferro, o mármore e o vidro. As paredes superiores que limitam esta área receberam pinturas parietais e elementos decorativos em relevo. (BIBLIOTHECA PÚBLICA PELOTENSE, 2011, *online*).

Desde seu nascimento, a Bibliotheca Pública Pelotense sempre esteve envolta no desenvolvimento de inúmeras atividades que eram realizadas em seu ambiente, desde aulas noturnas para alfabetização de alunos adultos, até conferências, bailes e concertos, o que sempre ligou fortemente esta UI e seu edifício à vida e à cultura da população pelotense.

Criada para ser um centro multicultural de caráter regional, a Bibliotheca recebeu várias doações de peças e documentos relacionados à memória histórica do Sul do país desde sua fundação, por isso, para organizar e abrigar este acervo, foi criado o Museu Histórico e Bibliográfico no dia 18 de janeiro de 1904, sendo que mais à frente este acervo foi dividido e o material bibliográfico foi incorporado ao acervo geral da BPP. O Museu abriga artefatos que são símbolo de muito orgulho para a Bibliotheca e para a população, possuindo imensurável valor cultural e sendo preservados como parte da memória e da identidade do Estado:

Entre as principais peças do Museu estão o lenço farroupilha, o sinete da república riograndense e a ponta de lança que, na Guerra do Paraguai, teria causado o ferimento mortal em Solano Lopes. Apesar das controvérsias

sobre o tema, o lenço – no Museu da BPP está um dos seis exemplares que restam – seria criação do Major Bernardo Pires, em 1942 e destinado ao uso dos oficiais farrapos. Nele estão gravados, além do que viria a ser o brasão da república riograndense, data e local de vinte batalhas vencidas pelos farroupilhas entre abril de 1836 e junho de 1841. (INSTITUTO VOTORANTIM, [2009]).

Mais um grande ponto cultural e informacional que marcou profundamente a BPP foi a inauguração da Biblioteca Infantil Érico Veríssimo em 11 de maio de 1946. Consta que a inauguração foi publicada com destaque no jornal da cidade (Diário Popular) e que o evento contou com a presença do próprio homenageado, sendo um dos espaços mais procurados da BPP atualmente.

No ano de 1960 destacou-se outra iniciativa da diretoria da BPP, que se reuniu e abriu portas para a criação da *Feira do Livro de Pelotas*, que teve sua primeira edição neste ano. Desde o ano de 2003 a BPP participa como destaque da Feira do Livro, onde o *Espaço Cultural BPP* está firmado como uma das principais referências da Feira que ocorre na praça central. Em um reforço cultural, as atividades na Feira do Livro aliam-se ao seu maior projeto, o América & Pampa:

Na área cultural, o projeto mais conhecido e de maior amplitude é o América & Pampa que, desde 2003, mobiliza dezenas de ativistas culturais de Pelotas e região. O centro do projeto é a relação entre arte e identidade cultural, com destaque para a música e literatura. (INSTITUTO VOTORANTIM, [2009]).

Em uma perspectiva mais atual relacionada à edificação da Bibliotheca Pública Pelotense, no ano de 2003 foi iniciado o processo de reorganização do espaço interno e de modernização dos equipamentos da biblioteca através da elaboração do projeto de restauro integral da UI. Entretanto, antes de iniciar-se a reforma geral programada, surgiu a necessidade de restauro emergencial da clarabóia central do prédio (que desabou parcialmente na madrugada de 5 de janeiro) em 2005. Os recursos para a reforma geral foram captados através da *Lei Rouanet* (Lei Federal de Incentivo à Cultura) e contou com o patrocínio do Instituto Votorantim, tendo sua primeira etapa executada de fevereiro a outubro de 2007 e a segunda fase iniciada em janeiro e findada no final de 2008. Foram 22 meses ininterruptos empregados para o restauro integral do prédio histórico, e no dia 23 de dezembro de 2008 foi realizada a cerimônia de entrega formal do prédio.

**Imagem 1** – Fachada da Bibliotheca Pública Pelotense.



**Fonte:** Da autora.

### **2.6.2 Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul**

A história da Biblioteca Pública do Estado (BPE) iniciou através de um Projeto de Lei apresentado no dia 30 de março de 1871 pelo então deputado João Pereira da Silva Borges Fortes Filho, que solicitou a criação de uma biblioteca oficial para o Estado, até então Província de São Pedro. Este projeto foi aprovado e transformado na Lei nº 724 de 14 de abril de 1871, sancionado pelo então presidente da Província, Francisco Xavier Pinto de Lima.

Com o auxílio do Dr. Fausto de Freitas e Castro (diretor e principal organizador da BPE neste momento), em 21 de janeiro de 1877 a Biblioteca foi instalada e aberta ao público possuindo 1.809 obras distribuídas entre 3.566 volumes. Logo após, a Biblioteca Pública do Estado sofreu a influência do pensamento e do contexto histórico do ano de 1891.

O Rio Grande do Sul sofreu grande influência do pensamento de Augusto Comte no ano de 1891, pois Júlio de Castilhos insere uma linha de orientação positivista à Constituição do Estado e passa a vigorar uma ideologia progressista e ao mesmo tempo autoritária. Esta ideologia pautou o estilo de governo de Julio de



Castilhos, o que definiu os rumos do Partido Republicano no Sul do país, sendo seguida por Borges de Medeiros no “Castilhismo”. Neste contexto, a Biblioteca Pública foi anexada administrativamente ao então recém criado Arquivo Público, a partir de 1906.

A construção da primeira etapa do prédio da BPE iniciou-se em 1912, mas sua transferência para a sede atual (na atual rua Riachuelo, esquina da General Câmara) só se deu em 1915, já sendo independente do Arquivo Público. Esta nova sede foi construída por sugestão do poeta parnasiano e então diretor da Biblioteca, Vitor Silva, e projetada por engenheiros das obras públicas do Estado.

Construído por sugestão de Vitor Silva, a Biblioteca foi projetada por engenheiros das Obras Públicas do Estado. Tanto a fachada quanto o interior da Biblioteca apresenta influência deste momento da doutrina positivista, possuindo vários estilos em sua representação.

O prédio foi inaugurado como parte das comemorações do centenário da Independência (7 de setembro de 1922) possui a fachada em estilo neoclássico, contornada com bustos do calendário positivista (circundando o prédio), enquanto que a Sala de Leitura possui estilo Império e as outras salas e salões mesclam-se em estilo rococó, egípcio, gótico e florentino.

Em 1986 o prédio da Biblioteca foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE) e, em 2000, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), atitudes que visam a preservação e conservação desse patrimônio estadual e nacional.

Atualmente a Biblioteca contempla um Setor Braille voltado aos usuários portadores de deficiência visual e desenvolve atividades que abrangem tanto este público específico quanto os demais usuários interessados em aprender esta linguagem. No Salão Mourisco disponibiliza-se uma agenda artística e cultural em parceria com a Associação dos Amigos da Biblioteca Pública, que vai desde março até dezembro de cada ano e, também, são realizadas visitas guiadas para os interessados mediante o agendamento prévio.

Segundo informações disponibilizadas pela Secretaria de Estado da Cultura (SEDAC), o acervo constitui-se de cerca de 240 mil volumes, mais especificamente por:

O acervo bibliográfico da BPE é constituído por cerca de 240 mil volumes. [ . . . ] Publicações e documentos que registram a história e a literatura rio-grandenses, enciclopédias, dicionários e obras sobre todos os setores do conhecimento humano, além de jornais, revistas e folhetos, completam a coleção da instituição e encontram-se disponíveis para pesquisa. (RIO GRANDE DO SUL, 2011, *online*).

E não se pode negar que grande parte do orgulho proporcionado pela Biblioteca advém de sua coleção de obras raras:

A coleção de Obras Raras da Biblioteca conta, em seu acervo, com um verdadeiro tesouro bibliográfico. São obras dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. A "PHARSALIA", poema épico de Lucano, com edição datada de 1519 é considerada a obra mais antiga. No Catálogo de Obras Raras e Valiosas da Biblioteca Pública estão relacionadas obras como "OS LUSÍADAS" de Camões, com edição comemorativa de 1819 cujo valor está diretamente relacionado ao número de doze exemplares em pergaminho e a não menos importante obra, "LA DIVINA COMEDIA" de Dante Alighieri, editada em 1921 por Conrado Ricci em edição restrita a mil exemplares numerados (BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO, 2011, *online*).

Desde seu nascimento até seu dito amadurecimento, considera-se que, a nível administrativo, a Biblioteca Pública do Estado já passou por algumas fases que podem ser subdivididas como:

- a) Primeira fase: administradores Bacharéis;
- b) Segunda fase: administradores Escritores;
- c) Terceira fase: administradores Bibliotecários;
- d) Quarta fase: Ênfase na Programação Cultural;
- e) Quinta Fase: Ênfase na Preservação e Recuperação do Patrimônio.

Quanto a esta quinta e última fase, desde abril de 2007 o prédio da BPE encontra-se em obras de reforma e restauro através do projeto *Monumenta*, que pretende resgatar as formas originais da Biblioteca, recuperar seu acervo e ampliar as oportunidades de acesso a todos os públicos a que a mesma se destina. Devido a este restauro geral, desde o início das obras o prédio encontra-se fechado para visitação pública e parte do acervo foi transferido para a Casa de Cultura Mário Quintana, onde a Biblioteca Pública do Estado funciona temporariamente (mas por tempo indeterminado) e oferece seus serviços a toda a comunidade porto-alegrense.

**Imagem 2** – Fachada da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul.



**Fonte:** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE).

### **2.6.3 Bibliotheca Rio-Grandense**

O desenvolvimento da cidade de Rio Grande resultou, em grande parte, da imigração dos portugueses no ano de 1877, que buscavam a possibilidade de viver sem preconceitos nem opressão social no Brasil.

Destes portugueses que aportaram no Brasil, estava o João Barbosa Coelho, que, posteriormente, veio a ser o fundador da Bibliotheca Rio-Grandense, no dia 15 de agosto de 1846. Segundo consta, João Barbosa Coelho nasceu na cidade do Porto no ano de 1819, vivendo até a idade dos 90 anos. Chegou ao Brasil no dia 20 de novembro de 1820 e exerceu a profissão de guarda-livros, primeiramente na Bahia, no Rio de Janeiro e, depois, no sul.

Assim, João Barbosa Coelho se instalou na cidade de Rio Grande no dia 21 de outubro de 1845, tornando-se sócio do estabelecimento mercantil de Manuel Marques das Neves Lobo. No ano seguinte, em 1846, João Barbosa reuniu 21 idealistas apreciadores das letras, e juntos fundam um Gabinete de Leitura. Anos mais tarde essa instituição passa a denominar-se Bibliotheca Rio-Grandense. A descrição de Alves (2006, p. 49) faz-se branda e pertinente:

A ideia do Gabinete de Leitura foi de Barbosa Coelho. Só, porém, não a executara ele, como não executou. Seduzidos pela beleza e utilidade da iniciativa, vinte e um amigos dele, e da leitura, e do Rio Grande, acompanharam-no na cruzada benéfica.

Assim, a data oficial de fundação da Bibliotheca Rio-Grandense é 15 de agosto de 1846, dia em que João Barbosa Coelho se reuniu com 21 visionários e formou o Gabinete de Leitura em assembleia geral. Inicialmente o gabinete se instalou em um sobrado do qual mudou-se algumas vezes após alguns percalços:

Foram diversas tentativas. Teve, para tanto, o auxílio da municipalidade. Incendiado o prédio, em construção, para a Escola Silveira Martins, na praça da Matriz, Dr. Pio depois, João Pessoa agora, a Intendência Municipal doou ali o terreno para o edifício próprio da Bibliotheca Rio-Grandense. (ALVES, 200, p. 56).

Ao chegar ao prédio da Intendência Municipal (Câmara Municipal), teve-se a ideia de comprar o prédio e assim se fez. O prédio foi reformado e adaptado para a Bibliotheca por Carlos Assola. A Bibliotheca mudou-se para seu atual prédio no ano de 1902, com já 56 anos de existência, e lá permanece de forma autônoma, independente do governo. Hoje, a Bibliotheca Rio-Grandense é a mais antiga instituição de cultura do Rio Grande do Sul e afirma-se como significativo testemunho da vocação pioneira da gente lusa (BIBLIOTHECA RIO-GRANDENSE, 2011, *online*).

Atualmente a Bibliotheca Rio-Grandense possui um acervo de mais de 450mil obras, sendo que destas obras muitas são raras. Segundo Alves (2006), a Bibliotheca Rio-Grandense é a única a possuir a coleção completa do jornal local, o Diário do Rio Grande, a qual possui valor e raridade inestimável, e além do acervo bibliográfico, a Bibliotheca possui uma importante coleção numismática de mais de 2 mil moedas e outras diversas singularidades raras e admiráveis.

**Imagem 3** – Fachada da Bibliotheca Rio-Grandense.



**Fonte:** Da autora.

### 3 METODOLOGIA

A seguir apresentam-se os procedimentos metodológicos necessários para o desenvolvimento desta pesquisa. Esclarece-se a metodologia que foi adotada para realização do estudo e a definição da abordagem e do tipo de pesquisa desenvolvida, bem como os sujeitos analisados no estudo. Após, segue-se a descrição do instrumento de coleta que foi utilizado para obtenção dos dados, os procedimentos adotados para fazer esta coleta e a forma de tratamento dos dados para posterior análise dos resultados.

#### 3.1 ABORDAGEM E TIPO DE PESQUISA

O tipo de estudo que foi desenvolvido classifica-se como bibliográfico, documental e de campo. Segundo Köche (2003, p. 122), a pesquisa bibliográfica tem como objetivo principal conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, desenvolvendo-se a fim de tentar explicar um problema através do conhecimento disponível a partir das teorias publicadas em livros e obras afins. Já em relação a pesquisa documental, esclarece-se que esta pode ser realizada em documentos conservados no interior de órgãos públicos ou privados de qualquer natureza, ou com pessoas, podendo se desenvolver através de registros, anais, regulamentos, circulares, ofícios, memorandos, balancetes, comunicações informais, filmes, microfilmes, fotografias, videoteipe, informações em disquete/CD-ROM, diários, cartas pessoais e outros. Quanto a pesquisa de campo, Vergara (2007) a explica da seguinte forma:

Pesquisa de campo é uma investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não. (VERGARA, 2007, p. 47).

Assim, foram buscados documentos relevantes para o estudo tanto nas três UI (em Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre) quanto com os demais entrevistados e em relação a seus documentos e arquivos pessoais. Vergara (2007, p. 48) destaca que a investigação documental é uma técnica importante na pesquisa qualitativa,

tanto na complementação de informações obtidas por outras técnicas, quanto na descoberta de aspectos novos de um tema ou problema.

O método utilizado classifica-se como fenomenológico, pois a fenomenologia “[ . . . ] exercita a filosofia e a concebe como sendo uma análise da consciência na sua intencionalidade [ . . . ] procura analisar como as coisas se dão à consciência.” (BARROS; LEHFELD, 2003, p. 54). Compreende-se que o método fenomenológico preocupa-se com a descrição direta da experiência, tal como ela é, não sendo única, pois a realidade é construída socialmente e se dá a partir da compreensão, interpretação e comunicação. As realidades se dão conforme as interpretações e o indivíduo é chave fundamental no processo de construção do conhecimento.

Por fim, tratou-se de uma abordagem qualitativa, pois costuma ser direcionada ao longo do seu desenvolvimento e não busca enumerar ou medir eventos, além de não utilizar ferramentas estatísticas para análise dos dados. Conforme Neves (1996), faz parte da pesquisa qualitativa a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo, caso que se aplica a este projeto, uma vez que terão de ser realizadas visitas e coleta de informações e relatos orais.

### 3.2 SUJEITOS DO ESTUDO

Para a realização deste estudo, selecionou-se a Bibliotheca Pública Pelotense, a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul e a Bibliotheca Rio-Grandense partindo de três aspectos primordiais:

- a) localização dentro do Estado do Rio Grande do Sul;
- b) localização em edificações consideradas patrimônio cultural;
- c) destaque histórico dentre as demais bibliotecas do Estado.

Desta forma, neste estudo os sujeitos selecionados para a aplicação da pesquisa foram os bibliotecários, funcionários e ex-funcionários relacionados à Bibliotheca Pública Pelotense, à Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul e à Bibliotheca Rio-Grandense. Além destes, fez parte do grupo de sujeitos do estudo os moradores das cidades em que se localizam estas três bibliotecas, ou seja, das cidades de Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande.

Para chegar aos sujeitos do estudo foi utilizado o método “bola de neve” em que, segundo Silvano (2001 *apud* CAVÉCHIA; BUSTAMANTE; CORREIA, 2008) um informante culturalmente competente recomenda outro de competência similar, repetindo-se o processo a partir dos novos incluídos. Foi através desta técnica que se chegou aos 12 sujeitos entrevistados na cidade de Rio Grande, aos 12 sujeitos entrevistados na cidade de Pelotas e aos 11 sujeitos entrevistados na cidade de Porto Alegre, o que totalizou em 35 sujeitos entrevistados.

### 3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Consta que o levantamento dos dados de um estudo pode ser feito através de diversos procedimentos, sendo os principais o questionário, o formulário e a entrevista, então, para fins de concretização deste estudo, o instrumento de coleta de dados utilizado foi o formulário (APÊNDICE A), pois este é um meio termo entre questionário e entrevista, em que foi possível gravar as entrevistas e assinalar as respostas orais dos respondentes.

Segundo Lakatos e Marconi (2003), o formulário é um dos instrumentos essenciais para a investigação social, sendo caracterizado pelo contato direto entre pesquisador e entrevistado e pelo preenchimento do roteiro de perguntas pelo próprio entrevistador, motivo pelo qual este instrumento de coleta de dados foi selecionado. Os autores apontam as vantagens e desvantagens relacionadas ao uso do formulário, o que também serviu como base para a escolha:

- a) vantagens: pode ser utilizado em quase todo segmento da população (por ser preenchido pelo entrevistador), além de possibilitar a presença do pesquisador para elucidar perguntas que não estejam claras e reformular itens para melhor compreensão do entrevistado caso a situação exija. Dados complexos e úteis podem ser captados e o preenchimento do formulário é realizado com símbolos uniformes (por ser feito sempre pelo pesquisador). Em determinado grupo pode-se conseguir um número representativo de informantes com mais facilidade;
- b) desvantagens: possibilita menos liberdade nas respostas (possível inibição do entrevistado), podendo ocorrer distorções e insegurança das respostas (por falta de anonimato). Com o uso do formulário há menos tempo para responder às perguntas, não havendo tempo para pensar, e



sendo mais demorado por ser aplicado a uma pessoa de cada vez. Pessoas que estejam em localidades distantes podem ser detentoras de informações importantes, o que torna a resposta difícil, demorada e dispendiosa.

Com o auxílio de um gravador portátil foram realizadas entrevistas por pauta, método que melhor se enquadrou no instrumento de coleta selecionado (formulário), pois, segundo Vergara (2007, p. 55) expõe, “[ . . . ] na entrevista por pauta, o entrevistador agenda vários pontos para serem explorados com o entrevistado. Tem maior profundidade”.

Constituído de 07 perguntas abertas, o formulário foi definido a partir de três qualidades básicas: adaptação ao objeto de investigação, adaptação aos meios que se possui para a realização do trabalho e a precisão das informações em um grau de exatidão suficiente e satisfatório para o objetivo proposto.

Abaixo segue quadro demonstrativo da relação entre os objetivos específicos (item 2.2) deste estudo e as questões que compõem o instrumento de coleta de dados (APÊNDICE A).

**Quadro 1:** Relação entre os objetivos específicos e as questões do Instrumento de Coleta de Dados.

OBJETIVOS	NUMERAÇÃO DAS QUESTÕES CORRESPONDENTES
<b>a) coletar relatos orais:</b> coletar dados das instituições;	1 a 6
<b>b) identificar fatos históricos relevantes para a memória social das regiões em que se localizam as bibliotecas em questão:</b> reconhecer o trajeto histórico das instituições;	4, 5
<b>c) analisar documentos históricos das instituições pesquisadas:</b> obter consentimento para acesso a arquivos pessoais.	6 e 7

### 3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Coleta de dados, segundo Barros e Lehfel'd (2003, p. 70), é a “[ . . . ] etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de se efetuar a coleta dos dados previstos”.

Na pesquisa bibliográfica foram pesquisados estudos em torno da questão do patrimônio cultural em âmbito geral e específico, além de estudos sobre memória social, a fim de relacionar estes dois aspectos. A pesquisa deu-se em livros, periódicos, teses e dissertações, disponíveis tanto em meio eletrônico quanto em suporte físico. Como base da pesquisa utilizou-se uma bibliografia básica de quatro autores por serem considerados fundamentais para a problemática abordada:

- a) *A memória coletiva*, de Maurice Halbwachs;
- b) *História e memória*, de Jacques Le Goff;
- c) *Entre memória e história: a problemática dos lugares*, de Pierre Nora;
- d) *Memória e identidade social*, de Michael Pollak.

Na pesquisa documental, a Bibliotheca Pública Pelotense e a Bibliotheca Rio-Grandense, que são o objeto de estudo juntamente com a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, foram contatadas previamente via e-mail e visitadas no período de uma semana (12 a 16 de setembro de 2011) com a concessão inicial dos diretores das referidas UI. Através da visita realizada foi possível realizar a coleta de imagens (fotografias, nenhum documento original) de algumas documentações nas Instituições e também de cunho pessoal dos entrevistados. A Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul foi contatada e visitada em um período posterior, dentre os dias 14 e 24 de outubro de 2011, por estar localizada na cidade de Porto Alegre, enquanto que a Bibliotheca Pública Pelotense e a Bibliotheca Rio-Grandense estão localizadas nas cidades de Pelotas e Rio Grande, respectivamente.

Quanto a pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, através do instrumento de coleta de dados (formulário), com os sujeitos do estudo, que contemplam tanto os bibliotecários, os funcionários, os ex-funcionários atuais, quanto alguns usuários mais antigos destas três bibliotecas.

Os entrevistados foram informados e esclarecidos sobre o objetivo e relevância da pesquisa ao início de cada entrevista, sendo que foi ressaltada a importância de suas colaborações. Foram realizadas perguntas abertas, encorajando os entrevistados a lembrarem e relatarem fatos marcantes e presenciados em suas cidades e relacionados às bibliotecas pesquisadas, procurando não gerar intimidação nos entrevistados. Foi estabelecido que as entrevistas seriam gravadas mas não publicadas, a fim de possibilitar maior confiança por parte dos entrevistados e garantir-lhes mais liberdade.

### 3.5 TRATAMENTO DOS DADOS

A tabulação dos dados foi realizada por meio de tabelas para comparação e análise das respostas obtidas nas entrevistas. Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 169), tabela “[ . . . ] é um método sistemático, de apresentar dados em colunas verticais ou fileiras horizontais, que obedece à classificação dos objetos ou materiais da pesquisa”. Os autores relatam que tabelas são consideradas grandes auxiliares na apresentação dos dados, uma vez que facilita sua compreensão e ajuda na distinção das diferenças, semelhanças e relações. Os gráficos representam os dados através de figuras, evidenciando aspectos visuais de fácil compreensão, abrangendo diversas ilustrações como gráficos, esquemas, mapas, diagramas, desenhos, etc. (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Os dados coletados foram analisados por meio de representações descritivas, sendo que, quando julgado conveniente, os mesmos foram relacionados e/ou comparados às informações obtidas na revisão de literatura. Neste estudo a representação dos dados foi disposta no que denominei de “quadros de análise de documentos e imagens”, mas que foi utilizado sem fins de publicação. Todas as entrevistas gravadas foram transcritas, interpretadas e analisadas de acordo com a sua relevância e o propósito da presente pesquisa.

Como ficou determinada a não divulgação da transcrição das entrevistas, quando citados, os entrevistados foram discriminados por uma numeração específica do número 1 ao número 35, de forma corrente e sem distinção, que obedece a ordem em que as entrevistas ocorreram. Todos os entrevistados encontram-se listados (APÊNDICE B), porém em ordem alfabética e pela respectiva Biblioteca.

### 3.6 LIMITADORES DO ESTUDO

Conforme já mencionado, a Bibliotheca Pública Pelotense e a Bibliotheca Rio-Grandense possuem acesso bastante difícil e limitado devido às suas localizações geográficas, e, por esta razão, puderam ser visitadas em um período restrito de uma semana para a coleta de dados, durante a qual os formulários foram aplicados e as entrevistas foram realizadas, juntamente com a pesquisa documental.

Outro grande problema encontrado no curso do estudo relacionou-se às dificuldades técnicas do dispositivo de gravação. Como a bateria do gravador só podia ser recarregada durante o período noturno, aconteceu o incidente de uma das entrevistas não ter sido gravada totalmente. Outra ocorrência que limitou o estudo foi o fato de uma das entrevistadas não se sentir confortável com o fato de a entrevista estar sendo gravada e ter solicitado que a gravação não fosse feita.

Por fim, mostrou-se de certa dificuldade, também, o fato de alguns eventos ou programações estarem ocorrendo nas bibliotecas estudadas durante o período das visitas, o que impossibilitava ou retardava ocasionalmente a execução das entrevistas, uma vez que as mesmas ficavam a encargo da disponibilidade dos horários dos entrevistados e das instituições.

## 4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A seguir serão apresentados os resultados obtidos nas entrevistas realizadas nas bibliotecas das cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre. As entrevistas referentes à Bibliotheca Rio-Grandense foram realizadas entre os dias 12 e 15 de setembro, as entrevistas referentes à Bibliotheca Pública Pelotense entre os dias 14 e 16 de setembro e as últimas entrevistas, referentes à Biblioteca Pública do Estado entre os dias 14 e 24 de outubro, de forma intercalada.

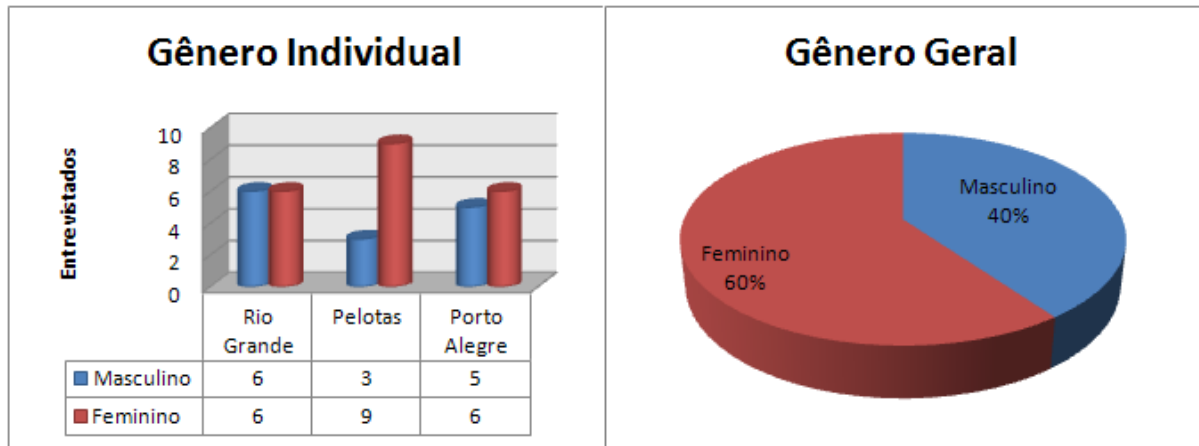
### 4.1 CONHECENDO E RECONHECENDO OS INDIVÍDUOS

Os primeiros questionamentos do roteiro de entrevista elaborado (APÊNDICE A) possuíam a finalidade de permitir que fosse traçado um perfil básico dos sujeitos deste estudo, ou seja, dos indivíduos que foram entrevistados nas cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre. Para isto, primeiramente foram analisados os dados do grupo de entrevistados de cada cidade no que se refere a faixas etárias, gênero e vínculo com cada Unidade de informação do estudo. Após esta delimitação individual dos grupos de cada cidade, procurou-se traçar este mesmo perfil, mas de forma generalizada, contemplando os três grupos de indivíduos entrevistados.

O total de sujeitos entrevistados constitui-se de 35 indivíduos, sendo 12 destes da cidade de Rio Grande, 12 da cidade de Pelotas e 11 da cidade de Porto Alegre, ocorrendo nesta respectiva ordem. O primeiro quesito aqui exposto está relacionado ao gênero predominante em cada grupo e ao também gênero predominante em um geral.

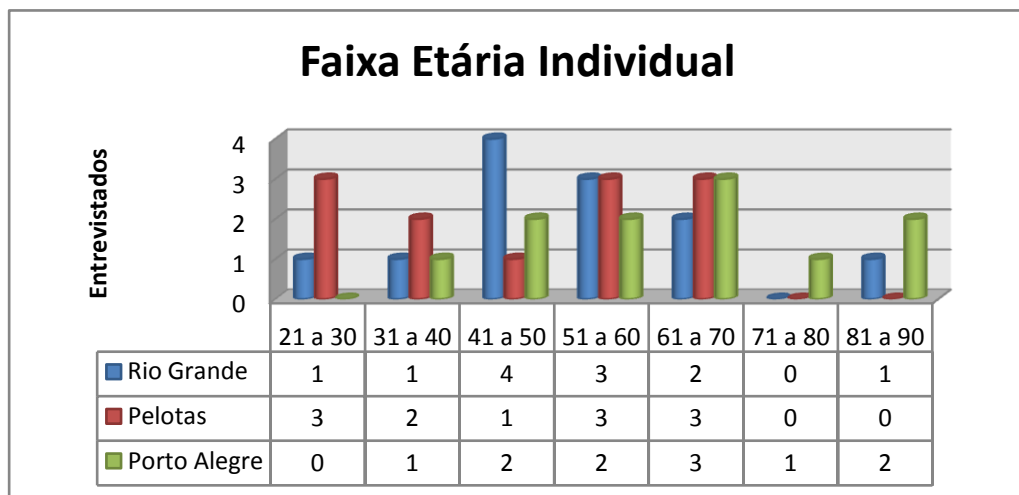
Conforme pode-se constatar nos gráficos abaixo, na cidade de Rio Grande 50% dos entrevistados foram do gênero masculino e 50% do gênero feminino, sendo que na cidade de Pelotas 25% era do gênero masculino e 75% do gênero feminino e na cidade de Porto Alegre 45% do gênero masculino e 55% do gênero feminino. Em uma visão geral dos três grupos entrevistados, constatou-se que a predominância de gênero foi o feminino, que totalizou em 60% dos entrevistados.

Abaixo seguem gráficos comparativos para a verificação de gênero em cada UI e no total das três UI.

**Gráfico 1** – Comparação entre cada UI e o gênero predominante dos entrevistados.

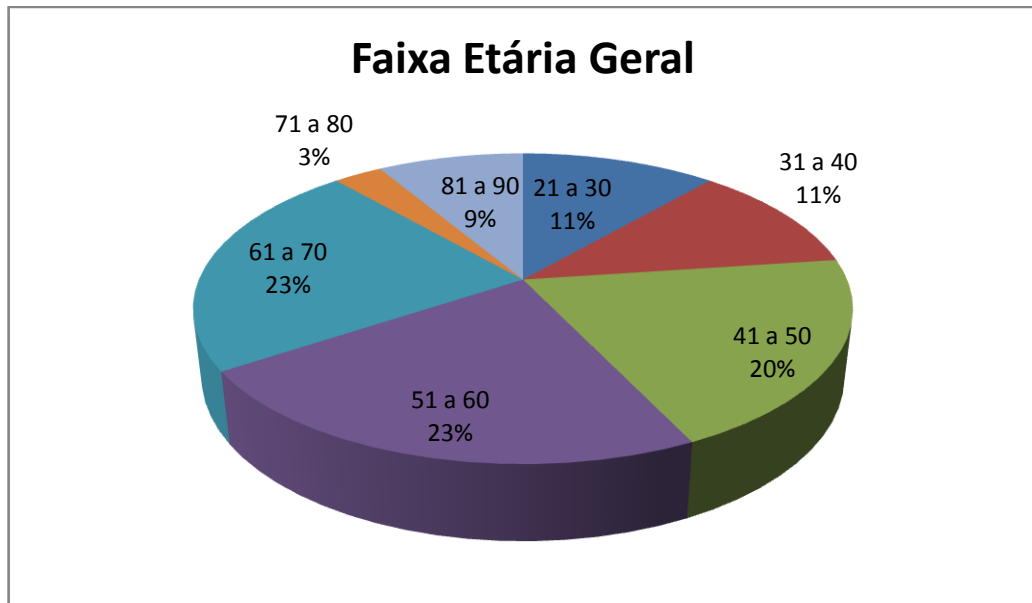
Fonte: Dados da autora.

Para esta breve definição do perfil dos entrevistados, o segundo quesito destacado refere-se a faixa etária novamente individual e geral. Em Rio Grande predominou a faixa etária de 41 a 50 anos (33,33%), ao passo que em Pelotas a faixa etária foi mais homogênea, distribuindo-se entre 21 a 30 anos (25%), 51 a 60 anos (25%) e 61 a 70 anos (25%), e na cidade de Porto Alegre predominou a faixa etária de 61 a 70 anos (27,27%).

**Gráfico 2** – Faixa etária predominante em cada UI.

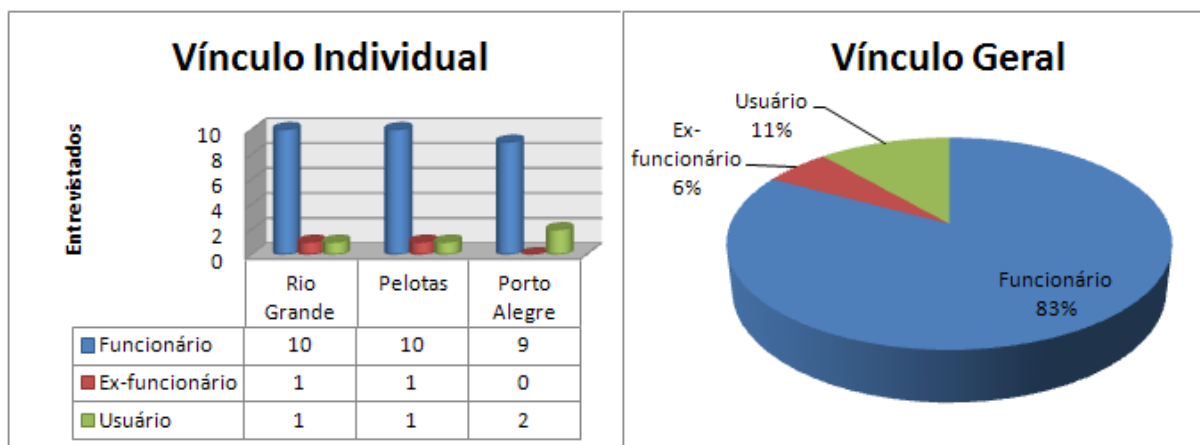
Fonte: Dados da autora.

Na contabilização geral dos entrevistados, a faixa etária predominante distribuiu-se entre 51 a 60 anos e 61 a 70 anos com 23% cada uma, conforme mostra o Gráfico 3 abaixo.

**Gráfico 3** – Faixas etárias predominantes entre os entrevistados.

Fonte: Dados da autora.

Por fim, quis-se verificar qual a relação que os entrevistados possuíam com as UI pesquisadas, e, para isto, eles foram subdivididos em três nichos: funcionários, ex-funcionários (ou colaboradores) e usuários (moradores da cidade). Em cada uma das cidades percorridas, o maior número de entrevistados possuía o vínculo de funcionário, sendo 83,33% em Rio Grande e Pelotas, e 81,81% em Porto Alegre. No geral 83% dos entrevistados foram funcionários.

**Gráfico 4** – Vínculo estabelecido entre os entrevistados e as UI analisadas.

Fonte: Dados da autora.

Esta grande diferença ocorreu principalmente devido às limitações do estudo já expostas, pois as entrevistas em todas as três UI partiram das próprias

Instituições através do método “bola de neve” já explicado. Devido a grande maioria dos entrevistados ainda estar vinculada diretamente a estas bibliotecas, percebe-se que a ligação existente entre eles ainda é muito forte, trata-se de um grupo ainda ativo e próximo, cujas lembranças e associações ocorrem mais facilmente, relacionadas ao cotidiano. Este grupo de funcionários partilha das mesmas vivências e das mesmas memórias, enquanto podemos pensar que os demais entrevistados fazem parte deste grupo e de grupos anteriores a este, formados por outros indivíduos. Estes são vários grupos e indivíduos que se cruzaram ao longo do tempo, como relembra Halbwachs (2006, p. 100)

[ . . . ] cada pessoa está mergulhada ao mesmo tempo ou sucessivamente em muitos grupos. Cada grupo se divide ou contrai no tempo e no espaço. Nessas sociedades surgem outras tantas memórias coletivas originais, e por algum tempo mantêm a lembrança de eventos que só têm importância para elas, mas interessam tanto porque seus membros não são muito numerosos.

O espaço que estes indivíduos entrevistados compartilham é o mesmo e por isso estão interligados, mesmo que façam parte de outros grupos ao mesmo tempo. Os usuários que frequentam as bibliotecas atualmente, já passaram por outros grupos de funcionários, assim como os ex-funcionários já passaram por outros grupos de usuários e funcionários, mas todos encerrados neste mesmo espaço comum, ou seja, mesmo lugar de memória, pois há muitas memórias coletivas.

#### 4.2 BAÚS DE RECORDAÇÕES

A memória de um indivíduo pertence somente a ele e provém de suas percepções mais profundas, fica guardada em seu íntimo e suas lembranças só podem ser acessadas através dele mesmo, enquanto que a memória coletiva é uma construção social, porém ambas fazem parte dele. Como o próprio Halbwachs (2006) expõe, as memórias individuais resultam das vivências e experiências pessoais dos indivíduos, estando intimamente ligadas aos grupos que pertenceram e ao período histórico dessas vivências.

Zamin (2006) pondera que a preservação do patrimônio cultural edificado é uma espécie de mediação entre o passado e o presente, sendo cada vez mais vinculada ao conceito de memória social, pois estas ações em torno deste



patrimônio possuem o objetivo primordial de manter o seu suporte material para que estas memórias não se percam.

Muitas dessas recordações que formam a memória individual e coletiva dos entrevistados vêm de suas vivências e de suas relações com as Bibliotecas que frequentam há tantos anos, até mesmo desde a infância, como relataram vários entrevistados. Para o entrevistado 9, a biblioteca faz parte de sua vida antes mesmo de seu nascimento, através de sua mãe, que já estava vinculada à Biblioteca Rio-Grandense tão logo chegou na cidade, na década de 50:

Minha mãe veio de Santos na década de 50 e uma das primeiras coisas que ela fez foi se associar na Bibliotheca. Ela sempre teve gosto por leitura, e vinha muito aqui, inclusive tem uma funcionária aqui que dizia que eu frequentava a biblioteca ainda na barriga da minha mãe. Quando criança vinha junto com minha mãe. O contato maior foi acontecendo naturalmente e hoje estou desde 97 envolvido na administração da biblioteca.

Já a entrevistada 4 relembra que passou a frequentar a Biblioteca ainda quando criança para realizar suas pesquisas escolares, mas também incentivada pela mãe:

E a Biblioteca Rio-Grandense está muito relacionada comigo, desde criança, porque minha mãe é professora, e na época não tinha Internet, então as pesquisas a gente vinha fazer aqui na Monteiro Lobato, na infantil. Eu era sócia desde criança, eu tinha uns 6, 7 anos e eu vinha com a minha mãe, então já faz parte. E aqui tem muita história, as pessoas nem sabem todo o acervo que tem aqui, que é bem rico, que contribui pra cultura da cidade.

Neste sentido, a entrevistada 5 também relata essa relação entre a biblioteca e as atividades escolares, ainda no Ensino Fundamental, quando ia a biblioteca “[ . . . ] fazer trabalhos, assim, do colégio, e vínhamos procurar material aqui”. Em muitos outros casos é comum que estas bibliotecas se relacionem às pesquisas escolares em uma espécie de parceria, que envolve tanto o Ensino Fundamental e Médio quanto as Universidades locais.

Estas lembranças não ficam presentes somente nas memórias daquelas crianças que frequentam e frequentaram estas UI, ficam também impressas nas memórias dos próprios funcionários que se envolvem com as atividades escolares, como no caso da entrevistada 11, que relata a questão da diminuição da frequência dos alunos com o passar do tempo e o uso da Internet

[ . . . ] chegávamos a atender 80 crianças, porque os professores incentivavam muito a pesquisa e as crianças procuravam a biblioteca e porque as bibliotecas das escolas não tinham muito material. Atualmente tem a biblioteca da História que tem uma estrutura boa e a Internet também ajudou a descentralizar um pouco todos os que convertiam para cá.

Ao mesmo tempo em que a biblioteca surge como um ponto de apoio para o ensino e as atividades escolares, ela também se apresenta como um refúgio seguro para os pais, que confiam na biblioteca como um porto seguro para seus filhos em suas ausências. A entrevistada 11 relembra que já encontrou usuários cujas mães os deixavam na biblioteca para poderem ir trabalhar, sendo cuidados pelos funcionários da Instituição e, assim, aprendendo a ler e desenvolvendo o gosto pela leitura

[ . . . ] tem coisas interessantes aqui. Esses dias, um senhor veio para cá, um pouco mais velho que eu, e disse que foi o primeiro sócio da biblioteca, perguntou se eu tinha a ficha dele. E eu tinha só um registro de sócios, mas não tinha a ficha, porque teve tempo que teve enchentes e muito papel foi jogado fora. Teve outro senhor que veio aqui com uma menina para mostrar a ela o lugar onde ele aprendeu a ler. Isso tem muito. Aprendeu a ler dentro da biblioteca. Fiquei admirada com isso!

A entrevistada rememora mais um fato e descreve a situação que lhe ficou marcada:

Isso ainda acontece, de mães que vão ao Banco ou vão fazer outras coisas e deixam os filhos aqui. Esses dias teve um rapazinho, de uns 11 anos, que ficou olhando aqui, e a mãe dele não aparecia. A mãe mandou ele não sair daqui. Ele caminhava até a porta e a gente avisava para ele não sair enquanto a mãe não chegava. Ele dizia que ia esperar. A gente perguntava o que ele gostava, e deixava à vontade para escolher o livro.

Não apenas este “rapazinho” da Bibliotheca Rio-Grandense, de que fala a entrevistada 11, aguardava a mãe na biblioteca. Em seus relatos, o entrevistado 21 descreve uma situação semelhante, quando frequentava a biblioteca quando criança:

Eu frequentava muito a biblioteca quando era menor. Meus pais trabalhavam durante todo o dia e a minha mãe dava aula. Meu pai trabalhava numa farmácia aqui perto e eu acabava vindo para cá durante as tardes. Isso em 1990 e 1992. [ . . . ] Eu estudava aqui perto, então eu passava aqui sempre. Sempre reparava no globo lá em cima, as imagens que tinha, e eu sempre gostei. O interesse sempre partiu de mim. Eu gostava de entrar aqui. Até porque a sala infantil tinha uns animais empalhados em cima, eu pegava um livro e olhava os animais quando era criança. Se não me engano, isso foi em 1992.

Não somente os filhos eram “largados” na biblioteca, vê-se também que a vontade de estar na biblioteca na ausência dos pais também parte dos filhos, por uma vontade própria. A biblioteca possui um ambiente atraente, envolvente e encantador. Um interesse tão particular da infância acabou se refletindo nos interesses da fase adulta do entrevistado 21, que atualmente está envolvido com a questão cultural e de desenvolvimento dos bens patrimoniais da Bibliotheca Pública Pelotense.

Assim como o entrevistado 21, o entrevistado 12 relembra que a biblioteca marcou sua memória profundamente em dois momentos, primeiramente enquanto criança e, posteriormente, na Universidade. Na infância a biblioteca se destacou mediante sua imponência e suntuosidade arquitetônica, adquirindo um novo caráter na juventude: imponência cultural e informacional do seu acervo, que serviu de base para uma escolha profissional:

As memórias da infância não esquecerei, como a primeira vez em que entrei e me impressionei pela suntuosidade do prédio e do acervo. Era completamente diferente para uma criança. Isso era anos 70, hoje em dia as crianças sabem tudo porque já viram no computador, mas na época não havia esse tipo de coisa. Depois, a outra memória que poderia dizer foi como estudante universitário, no primeiro contato com o primeiro jornal, um jornal caricato chamado “O Bisturi”. Aquilo foi tão marcante que desenvolvi minha carreira naquela linhagem, tanto que todas minhas pesquisas de mestrado e doutorado foram calcadas na imprensa.

Não são poucos os que se impressionam com a quantidade de pesquisadores e frequentadores que estas bibliotecas recebem constantemente, e isso é algo que marca intimamente os seus funcionários, colaboradores e, até mesmo, usuários, que se orgulham e relatam estas ocorrências, como no caso do entrevistado 3. Ele menciona o quão interessante lhe é o fato de tantas pessoas de fora irem até a cidade realizar pesquisas na biblioteca, como no caso específico de um historiador do Rio de Janeiro que foi a Rio Grande para consultar uma determinada obra que não foi encontrada em nenhum outro local, nem mesmo fora do país. O entrevistado diz-se impressionado com o fato, pois há materiais que não são encontrados na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e que podem ser localizados na Biblioteca Rio-Grandense, lhes proporcionando imensa alegria.

Em seus relatos o entrevistado 27 conta que, quando estudante do Ensino Médio na escola Julio de Castilhos (em Porto Alegre), frequentava a Biblioteca

Pública do Estado para fazer suas pesquisas, o que proporcionou novos laços de amizade com os servidores da BPE na época:

Sou de Bento Gonçalves e me mudei para Porto Alegre em 1971. Fazia curso de inglês em uma escola à frente da Biblioteca Pública. As aulas de inglês eram duas vezes por semana, me associei na Biblioteca nessa época e acabei conhecendo um monte de gente de lá. Eu fazia minhas pesquisas em casa e na biblioteca do “Julinho”. Mas pelo fato de ser uma biblioteca pública e antiga, e pelo fato de ter feito curso de história na faculdade, o prédio da Biblioteca me impressionava. Me associei por influência de um amigo, e acabei conhecendo toda a equipe da casa.

Assim, além de apoio para as escolas e para os pais, estas bibliotecas se impõem também na memória dos indivíduos quanto aos seus relacionamentos e amizades. Muitos dos entrevistados lembram que as amizades que se formaram ali são muito significativas e não deixam de estar vinculadas a estas bibliotecas. Para o entrevistado 9, a convivência que ele possui com os demais membros da diretoria da biblioteca é o que mais o atrai, pois este envolvimento não proporciona “status” ou projeção, já que é um trabalho voluntário. O trabalho administrativo da Bibliotheca Rio-Grandense não possui incentivos monetários para os colaboradores, já que as taxas de inscrição e anuidade são revertidas para as muitas necessidades de manutenção da Instituição, pois esta não é efetivamente “pública”.

Esta sensação de amizades e vínculos criados está tão presente nos indivíduos que compartilham dessas vivências com estas bibliotecas que pode ser associada também às suas personalidades, suas identidades, como menciona o entrevistado 27 durante a entrevista. O entrevistado diz se identificar com a Biblioteca:

É a vivência, no caso, como funcionário público da Secretaria da Cultura. Foi uma longa vivência e a Biblioteca, pelo tempo que eu passo ao longo do dia, uma boa parte da minha vida transcorre na biblioteca. É um ambiente e uma equipe positiva, formei vários amigos que continuam comigo até hoje. Os usuários me reconhecem também. Uma parte da minha identidade está aqui.

Também neste âmbito, a entrevistada 14 destaca que para ela, uma das suas lembranças mais marcantes na biblioteca é a presença de uma senhora chamada Sônia. A entrevistada relata que durante sua graduação, enquanto fazia uma pesquisa sobre a Guerra do Paraguai, foi informada de que na Bibliotheca Pública Pelotense havia um material que poderia lhe ser interessante, apesar da

desorganização em que a biblioteca se encontrava na época, devido a reforma. A partir desta informação ela passou a realizar sua pesquisa nos periódicos históricos da Bibliotheca, onde conheceu a D. Sônia. A entrevistada descreve esta relação e a própria D. Sônia de forma carinhosa, com as suas impressões mais marcantes

[ . . . ] a dona Sonia é aquela figura que se espera encontrar na biblioteca, ela é uma senhora gordinha, que ficava atrás de uma mesa, conversando com pessoal, dando as referências, sabia de tudo. Parecia que ela acessava pela memória todo esse acervo, então, no meio daquela desordem, parecia que ela controlava tudo. Outra coisa que me chamou atenção era a relação dela com o acervo, que é uma relação diferente de quem é formado, do academicismo. A gente reconhece o acervo como parte de nosso trabalho e ela confundia o pessoal com o trabalho. Tinha a parte ruim e a parte fascinante disso e eu via nela a parte fascinante, que era o amor que ela tinha pelo acervo. Ela era uma guardiã mesmo e uma figura bem importante e não tem quem pesquise aqui e não lembre dela.

Sensações, sentimentos, personagens marcantes, são muitos os elementos que compõem essas memórias individuais, até mesmo um odor que faz com que um indivíduo retenha uma memória, como no caso do entrevistado 21. Enquanto o entrevistado 18 relata que o prédio da Bibliotheca Pública Pelotense possuía um “cheiro horrível” antes das reformas, devido ao fato de o acervo, que atualmente se encontra no Centro de Documentação e Obras Valiosas (CEDOV), se encontrar em salas fechadas, o entrevistado 21 conta que possui uma forte lembrança que relacionava o prédio da biblioteca ao seu “cheiro de queijo”:

Tem essa questão dessa ligação de quando eu era somente usuário. Teve uma bibliotecária aqui, que já se mudou para Porto Alegre, e ela também frequentava a biblioteca. O interessante é que a minha lembrança e a dela é a mesma, é o cheiro de queijo que tinha a biblioteca. A gente entrava aqui e parecia que tinha uma fábrica de queijo, e ela falou “pois é, eu também sempre achei”! Claro que depois da reforma, o cheiro de queijo foi embora. E acho que isso é muito bom. Desde sua fundação, a biblioteca nunca tinha passado por uma reforma como a que teve recentemente, e finalmente então o cheiro de queijo se foi.

A D. Sônia, antes mencionada como uma figura tão singular para aqueles que frequentavam a Bibliotheca, se tornou um elemento forte na memória da entrevistada 14, que também possui outra lembrança significativa. Ela relata que outro fato que a marcou foi o período em que a Bibliotheca passou por intervenções, tanto na restauração do prédio quanto na reorganização do acervo no mesmo período:

O que me marcou foi quando a biblioteca passou por um período de intervenções, tanto no prédio quanto no acervo, para ser restaurado. Me vem a memória a questão da preocupação que se teve em resguardar o prédio em si já que desde 1875 a Bibliotheca Pública Pelotense se manteve num prédio próprio, tanto no período que o prédio era em outra casa quanto agora. Mas como pesquisadora, me chocou o fato de o acervo ficar em segundo plano em relação ao prédio. E acho que faltou um pouco de cuidado em relação ao acervo, e não há como dizer se não houve perda de material durante o processo de reforma. O acervo da biblioteca sempre foi organizado de forma diferente por cada pessoa que entrou aqui. É muito complicado, por exemplo, organizar as obras raras. Muito material, então, pode ter sido perdido ou danificado, sem ter sido registrado devido às diferenças de métodos de cada funcionário. [ . . . ] Hoje o prédio está lindo, mas o acervo sofreu com isso. Quando entrei aqui, nunca foi feita higienização do acervo de jornais. Não se pensou em uma política de preservação do acervo. Felizmente, daqui para frente o acervo estará protegido pelas reformas e melhorias nas salas, mas o período da reforma foi crítico para a sua conservação.

Este zelo pelo prédio e pelo acervo também se vêem presentes no relato da entrevistada 24, hoje em dia aposentada, que relembra ter começado a trabalhar na Bibliotheca Pública Pelotense ainda muito jovem. A entrevistada relembra as atividades que eram feitas na biblioteca, como a hora do conto, as atividades com as crianças e as sessões de filmes (escolhidos por especialistas, segundo ela) realizadas nos espaços da biblioteca. Ela relata que em certa ocasião o tradicionalista Antônio Fagundes esteve em Pelotas e, por indicação de alguém, visitou a biblioteca, ao que ela o recebeu. A entrevistada 24 relata que nesta visita o tradicionalista teria dito que estava a procura de um Lenço Farroupilha e que até então ele só teria encontrado dois, um em Porto Alegre e outro na Fazenda da Graça. Logo, a entrevistada contou que a Bibliotheca também possuía um Lenço, ao que ele teria ficado surpreso “[ . . . ] inclusive saiu um artigo na Zero Hora referente a esse Lenço, que estava muito bem conservado, num quadro, guardado. Ele se admirou e fez esse artigo na Zero Hora”.

E os relatos da entrevistada percorrem outras histórias de sua vida e sua memória. Em outro momento, quando ainda trabalhava na Bibliotheca Pública Pelotense, a entrevistada 24 conta que gostava de restaurar os jornais do “Diário Popular” por conta própria, chegando a fazer cursos para esse fim e que posteriormente acabou sendo procurada por pessoas relacionadas a este jornal. A entrevistada 24 recorda que:

Os jornais, o Diário Popular, eu tinha mania de colar. Fiz um cursinho para ajeitar, acertar direitinho. Eu fazia os cursos porque eu queria, em 1980. Eu estava guardando jornais, restaurando o que tínhamos, pois estava muito

judiado. Em 1993 o Diário Popular foi lá e viu que eu estava restaurando e fez uma matéria de mim dizendo que eu era a “guardiã do jornal”. Me ofereceram trazer todos os jornais que estavam guardados na editora deles, e trouxeram tudo em um caminhão, nem eles mais tinham os exemplares. Eu separei os que estavam mais conservados e guardei os outros.

As memórias dos entrevistados surgem da infância e das suas primeiras percepções ao chegar naqueles prédios fabulosos, bem como com o cuidado e o apreço relacionado aos acervos e a conservação dos prédios, pelos quais se luta para restaurar e preservar. As edificações destas Bibliotecas, em específico, destacam-se por esse motivo, por suas belezas e referência a um passado que se destaca e atrai aos indivíduos, como ocorreu com o entrevistado 34:

Conhecia a Biblioteca [BPE] antes de trabalhar nela. Fim de semana, quando vinha para Porto Alegre passear, eu sempre gostava de vir nesses prédios históricos e também na biblioteca para ler um jornal ou um livro. Então eu passei pela Biblioteca, cheguei na época e o prédio me chamou a atenção, por ser um prédio bonito, histórico. Eu sou chegado nesses prédios históricos. Essas coisas históricas me chamam a atenção. Fim de semana, família, a gente convidava todos para irem a Porto Alegre passear, e a primeira coisa que a gente vai são os prédios históricos, que são abertos ao público para a visitação.

Mas as Bibliotecas destacam-se também através de acontecimentos inusitados, como relatou a entrevistada 16, enquanto fazia um lanche em uma pequena cozinha localizada no piso superior da BPP, que disse já ter visto muitos acontecimentos nos espaços da biblioteca

[ . . . ] aqui já teve de tudo, até velório. É por isso que eu te digo, esse aqui é um prédio acolhedor. Já teve velório, baile, formatura, casamento... E o pior de tudo é que eu fiquei no velório. Essa copa aqui era naquele canto e o caixão ficou ali no meio do salão, e eu na copa e ficava olhando aquele caixão... (risos) passei toda a noite aqui. Eu sentia direitinho a velha saindo do caixão e caminhando (risos). A falecida era de uma família muito tradicional de Pelotas, então seu Pinho [presidente da BPP na época] cedeu o local. Tem gente que gosta disso. Não consigo me lembrar do nome dela. Tem uma funcionária, a Neides Madruga, ela deve ter uns 34 anos de funcionária da prefeitura, que foi cedida para cá. Na época do Marroni, os aposentados foram “cortados”, então ela começou a vir sempre como parceira, voluntária e ela continua trabalhando até hoje. Ela diz que quer ser velada aqui, pois ela é apaixonada pela biblioteca.

Esse apego, esse amor que se desenvolve em torno da BPP, é reforçado pela entrevistada 19, que conta que “[ . . . ] o prédio é muito procurado para fazer festas, formaturas e solenidades e isso se dá pela beleza do prédio, o pessoal gosta da imponência da sacada, da escadaria, que se usa muito para tirar fotos. É muito lindo

e tem um apelo arquitetônico aqui”. A entrevistada conta que adoraria celebrar uma formatura, um casamento ou qualquer outra ocasião importante de sua vida no prédio da biblioteca, pois considera o salão principal lindo, tanto que estas pessoas que possuem grande apego a Bibliotheca pedem para ser veladas nesse mesmo espaço.

A entrevistada 20 relembra que quando criança frequentava a BPP para retirar livros, pois o pai a levava e ela se tornou frequentadora assídua, vindo a tornar-se funcionária há cinco anos. A entrevistada diz que trabalhava na Câmara Municipal que funcionava na parte superior do prédio da BPP e que sua mãe já possuía grande envolvimento com a biblioteca. Ela complementa: “[...] dizem que minha mãe conheceu meu pai aqui, ela subia a escada e ele olhava pra ela!”.

Para muitos, este período em que a Câmara de Vereadores dividia o espaço da BPP foi significativo, pois era uma fase conturbada para todos que frequentavam a Bibliotheca. A entrevistada 17 destaca este período:

Teve uma época que teve uma luta constante para tirar os vereadores daqui, que faziam reuniões na parte superior da biblioteca, quando a biblioteca era só na parte inferior. Eles faziam muito barulho nas reuniões de plenário. Havia muita reclamação por parte dos usuários pelo excesso de gente e de barulho.

Os entrevistados lembraram com frequência o compartilhamento de espaços que tanto a Bibliotheca Pública Pelotense quanto a Bibliotheca Rio-Grandense tiveram com o poder público de suas cidades. Estas bibliotecas dividiram suas estruturas com suas respectivas Câmaras de Vereadores por algum tempo e também cederam os seus espaços para solenidades públicas, até mesmo júris populares, como foi o caso da Biblioteca Rio-Grandense destacado pela entrevistada 4:

Me lembro que quando eu trabalhei pela primeira vez aqui, o Fórum da nossa cidade era menor, não era essa construção que é hoje. Então, às vezes tinha júris populares, quando envolvia crimes hediondos, por exemplo, e faziam lá em cima, na parte superior. Quando eram assuntos que chamavam mais a atenção da população os júris eram feitos aqui, foram vários júris populares aqui. Esse é um fato que eu me lembro ainda.

Como vê-se, estas Bibliotecas são lembradas quando relacionadas a suas estruturas físicas, pois chamam a atenção por suas belezas arquitetônicas e pela



riqueza de seus acervos, que agregam tanto material bibliográfico quanto peças históricas e documentos históricos bastante procurados por admiradores e pesquisadores. O patrimônio cultural que são estas bibliotecas representam através de suas construções se erguem e se impõem majestosamente, adquirindo uma existência própria para cada indivíduo que se relaciona com ela. Assim, dentre uma infinidade de particularidades, estas são UI que participam da vida de muitos dos entrevistados desde suas infâncias, passando por suas juventudes e fase adulta, onde a admiração permanece e cresce.

#### 4.3 MEMÓRIAS E CULTURA ATRAVÉS DO PATRIMÔNIO

Como já abordado, um dos aspectos de maior relevância da Bibliotheca Rio-Grandense, da Bibliotheca Pública Pelotense e da Biblioteca Pública do Estado é o fato de ser patrimônio cultural de suas cidades e, até mesmo do Estado. Estas UI tratam-se de patrimônio edificado e, conforme Prux (2005, p. 20), caracterizam-se como parte integrante do patrimônio cultural da humanidade, que é formado por bens materiais como prédios, casas e monumentos, resultantes da interação entre conhecimento, espaço e história. Sabe-se que estas edificações do patrimônio cultural são importantes fontes de cultura, conceito que abrange o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, as leis, os costumes ou os hábitos adquiridos dentro de uma sociedade. No que compete às bibliotecas, este aspecto compõe o seu patrimônio imaterial, que, como salienta MACEDO (2006, p. 6) “[ . . . ] trata-se das heranças que não podem ser tocadas (daí também, ser chamado patrimônio intangível), mas que se sentem com o coração, que se imaginam, que se encontram no imaginário das pessoas”.

Desta forma, quando indagados sobre fatos que são considerados marcos para a cultura das cidades em que se localizam as bibliotecas deste estudo, os entrevistados apresentaram diversos tópicos relevantes, que vão desde seus acervos valiosos e raros até aos eventos e às atividades desenvolvidas por estas UI.

Há o consenso de que tanto a BPP, a BPE e a Bibliotheca Rio-Grandense são suportes culturais, coincidindo em algumas atividades como, por exemplo, hora do conto, exposições temáticas e eventos (institucionais e municipais) em seus maiores auditórios e salões. Todas estas três bibliotecas utilizam seus espaços para grandes

eventos da cidade, por ora alugando-os e por ora cedendo-os, como no caso de parcerias entre comércios e demais instituições da cidade:

Me lembro da festa dos 30 anos da farmácia Natura. Nós trabalhamos com apoio, então a farmácia comemorou o aniversário dela aqui no salão nobre, mas com projetos de doação de livros para nossa biblioteca. A festa foi lindíssima, todas as autoridades estavam aqui, foi muito grande. Foi um evento que, estando eu de fora de biblioteca, me marcou muito. (ENTREVISTADA 19).

Neste aspecto, o entrevistado 6 refere que, a fim de manter o vínculo entre a cultura, a educação e a biblioteca são desenvolvidas diversos eventos, como o ocorrido no 160º aniversário da Bibliotheca Rio-Grandense:

No aniversário de 160 anos, fizemos uma solenidade e durante o dia todo fizemos visitas orientadas programadas. As escolas vieram até nós e nós fizemos a programação. Foi um dia que teve toda uma agenda de escolas inclusive de outras cidades e que foi bem bacana. Havia uma escola de Porto Alegre que, por três anos, trouxe as crianças da 5ª série uma vez por ano aqui para a Bibliotheca. Elas vinham antes, faziam um estudo, um pré-questionário e ao longo da visita este questionário ia sendo respondido pelas próprias crianças conforme o que ia sendo dito na visita. A Bibliotheca recebe muita gente de outras regiões do país para fazer pesquisas aqui.

Conforme Brasil (2011), a estreita relação entre educação e cultura nos processos de formação da cidadania e da identidade do indivíduo ressalta o caráter indispensável das ações de integração das manifestações intelectuais e artísticas nas práticas pedagógicas de ensino formal e informal, no que estas bibliotecas acabam por atuar ativamente, levando a cultura às escolas e às crianças dentro de seu próprio espaço. Segundo as entrevistadas 10 e 11, a Biblioteca Rio-Grandense possuía projetos e programações interessantes como o “A Biblioteca vai à Praça” e troca de livros, eventos fora da própria estrutura da Bibliotheca. Conforme a entrevistada 10, esses eventos auxiliam no incentivo à leitura, além de outras atividades que atuam nesse contexto

[ . . . ] tínhamos projetos e fazíamos programação com coisas interessantes como a participação em eventos na rua, fazíamos trocas de livrinhos e isso acho que ajudou bastante no desenvolvimento e incentivo da cultura para a leitura. E também tinha a Hora do Conto, que hoje parece que está na vanguarda, as livrarias que a fazem para a divulgação do livro, aí convidavam as escolas para virem aqui. Tem também a participação na própria Feira do Livro que tem aqui em Rio Grande. Isso aí eu acho que deu como fruto muitas crianças que agora são sócias e procuram o livro porque

gostam da leitura. São fatos marcantes que desenvolveram e incentivaram o hábito da leitura em crianças.

Para os entrevistados as atividades relacionadas ao público infantil destacam-se como importantes culturalmente para a cidade, pois é o público em que se busca incentivar a leitura, formando novos leitores, frequentadores das bibliotecas e culturalmente ativos. Segundo a entrevistada 19, as atividades culturais voltadas para o público infantil realizadas na BPP são muito procuradas, o que é sinal do reconhecimento que a comunidade possui em relação a esses eventos como aliados à cultura e à educação da cidade. São eventos que fomentam a cultura riograndense:

Trabalhando aqui mil coisas já me chamaram a atenção, porque a gente é muito envolvida em projetos culturais, como o sarau poético e a reinauguração do museu lá no porão, que está lindo. Este setor tem também um projeto belíssimo que eu ajudo a executar, que é a “Hora do Faz de Conta”, em que as escolas trazem as turminhas e a gente conta história para elas, é muito bonito, e já faz um ano que está fazendo sucesso. O setor infantil já não tem espaço para agendamento, pois está lotado. É *super* [grifo nosso] democrático, agora em setembro estamos trabalhando lendas do sul e as crianças vêm pilchadas pra cá, estamos ensinando as danças gaúchas, tem um rapaz do CTG esta vindo também para orientar as atividades, tudo muito bonito e a gente acaba se envolvendo.

Existe a percepção de que os eventos voltados a este público se faz importante porque, como constata o entrevistado 21, trata-se de um público “[ . . . ] que daqui a 5 ou 6 anos usará a biblioteca para outros fins que não a parte infantil, mas a gênese disso é o projeto e a lembrança dele”. Assim, estas atividades atuam como estimulantes para que as crianças acabem retornando não somente com as escolas, mas também com os familiares e, após, na fase adulta. A biblioteca é, além de tudo, um local de descobrimento, de revelação e encantamento que se mantém mesmo com a era digital atual:

A universidade usou este espaço. Hoje a gente ainda está sempre de portas abertas para receber crianças e mostrar livros, fotografias... então ela é fundamental. É como se ela fosse um bloco de resistência ao tempo, em que as pessoas vêm e conseguem fazer uma viagem no tempo e ver como era, como se informava na época. No meio de um mundo com informação instantânea, temos um lugar em que tem 5 andares que tem que subir, olhar, descobrir. Guarda muita coisa. (ENTREVISTADO 6).

Outro aspecto cultural levantado, através do ponto de vista dos entrevistados relacionados à BPE, é de que destacam-se as atividades que aconteciam no salão de eventos (Salão Mourisco), abordando temas diversificados como lançamentos de livros, palestras e afins. Atualmente estas atividades não estão sendo realizadas devido ao deslocamento institucional da BPE para a Casa de Cultura Mário Quintana (CCMQ) em consequência das reformas do prédio (iniciadas no ano de 2007), mas o entrevistado 34, que exerce a função de segurança nestes eventos culturais, relata que sempre que tinha oportunidade os assistia, mesmo que parcialmente, por ser algo de seu interesse e não apenas pelo seu trabalho:

Até porque eu ficava no evento e acabava assistindo a palestra. Ficava de responsável e então participava ali. Aquela coisa, tinha que ficar sempre ali, trabalhando, mas sempre dava uma espiadinha quando podia. Sempre participei assim. Acho a Biblioteca Pública, muito importante pelas palestras que tem, os lançamentos de livros, eventos, recitais de piano, canto, óperas. Sempre participei quando estava trabalhando, então acabava participando de tudo isso também em outros momentos.

Dos eventos realizados pela BPE surgiram menções aos saraus poéticos e às exposições do setor Rio Grandes do Sul. O entrevistado 26 complementa que, a seu ver, além dos saraus e das exposições, o que também contribui para a cultura da cidade são os próprios serviços e setores disponibilizados pela biblioteca:

No prédio original da Biblioteca funcionava um salão onde muitas vezes aconteciam saraus que davam um bom movimento, aquilo ocorria no mínimo uma vez por mês, com épocas que ocorriam uma vez por semana. Aquilo era importante, pois a Biblioteca não funcionava só para o tradicional, como tirar livros. Era um espaço para apresentações, saraus, etc. A própria abertura do Multimeios, que é um setor novo na Biblioteca, também foi importante, já que as pessoas tinham acesso gratuito à Internet. O setor Braile também foi um ponto importante da biblioteca em termos de cultura, o que disponibiliza uma ampla fonte de consulta a livros em braile. O próprio setor Braile é mais moderno que o setor Multimeios, pois foi aberto depois. Em termos de Centro [região central da cidade] de Porto Alegre não temos algo similar ao setor braile, só tem algo semelhante na Zona Norte.

Em todas as três Instituições faz-se presente a conscientização de que a democratização existente nas bibliotecas é essencial para o desenvolvimento da cultura, pois é através desta democratização que a biblioteca abre as portas para todos, indistintamente, independente de idade, raça, credo, grau de escolaridade e nível social. Esta questão é destacada pela entrevistada 20 que diz que para ela o interessante é que “[ . . . ] a biblioteca é aberta para todos, sem distinção. Não

precisa pagar para ler e associa-se se quiser, mas não precisa pagar para ler”, de forma democrática.

Muitos dos relatos dos entrevistados destacaram, ainda, que os eventos oferecidos por estas UI também ocorrem no contexto das festas comemorativas, como, por exemplo, na Festa do Mar da cidade de Rio Grande, que, conforme a entrevistada 7, a Bibliotheca Rio-Grandense sempre participou colaborando culturalmente com exposições temáticas bastante frequentadas. Esta parceria entre as UI e os eventos municipais e institucionais, como Feiras do Livro, age como fomento para a cultura da cidade no sentido de que as bibliotecas levam a cultura para fora de seu espaço e também fornecem seus espaços para a promoção de atividades externas:

Havia a associação de amigos da Biblioteca Pública que organizava eventos culturais. Antes do MARGS a coleção de obras de artes ficava na biblioteca, historicamente a biblioteca era um polo de promoções culturais e ao longo da história recebemos várias homenagens do governo do Estado. Os eventos da Biblioteca Pública do Estado são eventos promovidos pela Secretaria da Cultura, e outras entidades, como a Academia Rio-Grandense de Letras, usavam a Biblioteca para seus eventos. Outras entidades como a Maçonaria, a Rosa Cruz, faziam reuniões periódicas lá. Aquele espaço, memorial neoclássico positivista, com adornos, era um ambiente propício para essas atividades. A própria acústica da biblioteca favorecia, como por exemplo, gravações de discos, principalmente de música clássica, que foram feitos lá. Academias de músicas traziam seus alunos para fazer eventos lá. É um espaço bem conhecido, é um espaço de prestígio. (ENTREVISTADO 27).

Os espaços internos e toda a estrutura desses prédios da BPP, da BPE e da Bibliotheca Rio-Grandense são normalmente procurados para a realização de eventos devido a sua beleza e também funcionalidade, como conta a entrevistada 31 em relação ao uso de um dos salões principais da Biblioteca Pública do Estado:

A Biblioteca Pública do Estado é uma obra de arte, aqueles afrescos nas paredes, o Salão Mourisco com aquele piano de cauda... Músicos, como Carlo de Los Santos, um grande violonista gaúcho (sou aluna de canto da mãe dele, Vera de Los Santos, que foi professora de música da Ospa), fez várias gravações no Salão Mourisco e hoje ele é internacionalmente reconhecido. Meu filho, que é violinista no Teatro Municipal de São Paulo, fez gravações lá e diz que a melhor acústica dentro de um prédio público é a do Salão Mourisco da Biblioteca Pública. Os músicos adoram ir ali quando eles vão concorrer em concursos e fazer uma gravação para concorrer a uma bolsa lá fora. Então, nisso a biblioteca marca, não só para os leitores, mas os músicos, que usufruem daquele espaço cultural para fazer seu trabalho cultural. Meu esposo é músico e já usou muito aquele piano, já tocou com a Ospa várias vezes. Aquele salão é uma preciosidade!

A referência que estas UI possuem por ser patrimônio cultural de seus municípios e por suas estruturas físicas, beleza e funcionalidade, também se dá devido ao destaque que possuem por sua localização central na cidade, como no caso do prédio da BPE, que foi reconhecido e tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, possuindo localização no Centro Histórico de Porto Alegre. A BPP (assim como a Bibliotheca Rio-Grandense, em Rio Grande) também integra o Centro Histórico da cidade de Pelotas, localizando-se em torno da praça central e próxima ao prédio do poder executivo municipal.

A entrevistada 19 menciona que “[ . . . ] não tem como tu passares aqui no Centro e não reparares nos prédios, essa coisa linda, todos juntinhos em volta da praça, pois eles chamam muito a atenção da pessoa quando ela chega aqui”. A entrevistada 22 corrobora esta questão quando menciona que tanto o prédio da Prefeitura Municipal quanto o prédio da Bibliotheca Pública Pelotense possuem o mesmo estilo arquitetônico e localização, demonstrando a importância que a biblioteca, como centro de cultura, possui para a cidade por estar localizada ao lado da unidade de governança municipal:

Então, é uma casa que, se tu pegares a volumetria da Prefeitura Municipal e da Bibliotheca Pública Pelotense, vais ver que os prédios são iguais, tanto em volumetria, quanto estilo arquitetônico e localização. O que significa que há 136 anos atrás, as pessoas sabiam, um pouco mais que nós, o valor da cultura a ponto de termos um prédio erguido ao lado da intendência de quem comanda os destinos da comunidade, e ao lado está a cultura, como quem diz que ela é importante para o desenvolvimento de qualquer sociedade. Não são atos administrativos que mudam a maneira das pessoas se comportarem, mas sim a cultura, a leitura, que o faz. Então, na verdade, essa é uma questão que deve ser ponderada, a questão cultural.

Já o entrevistado 27, complementa o aspecto da localização da biblioteca, comparando-a analogicamente com o “poder civil” da cidade, pois integra a Praça dos Poderes, que já foi palco de importantes fatos históricos e também é considerada o berço da cultura do Estado por abrigar o Theatro São Pedro, edificação de 1858. A Praça Marechal Deodoro da Fonseca, também conhecida como Praça da Matriz e Praça dos Três Poderes, assim é conhecida ter os poderes executivo, legislativo e judiciário do Estado do Rio Grande do Sul circundando a praça, em uma distribuição geométrica e simétrica, da qual a BPE faz parte:

Se considerares as cidades de cultura açoriana, como Porto Alegre, tem a Praça dos Poderes e suas representações: há a representação judiciária,

que é o Tribunal do Palácio da Justiça, a legislativa, que é o Palácio Farroupilha; a executiva, que é o Palácio Piratini, a religiosa, que Catedral Metropolitana; o Theatro São Pedro e, temos nós, a Biblioteca Pública, que é o poder civil, o espaço civil, que é o lugar onde o cidadão é bem acolhido.

E estas bibliotecas, por suas edificações patrimoniais, também são tidas como pontos de referência em suas cidades, conforme contata a entrevistada 4:

Eu acho que há relação entre a biblioteca e a memória da cidade, porque muitas pessoas situam Rio Grande e até dizem “ahhh, a Bibliotheca Rio-Grandense... próximo a tal coisa”, então é um ponto turístico que situa as pessoas que não são da cidade, é um marco. Esses tempos nós estávamos no restaurante, eu e meu esposo, ali no Hotel Atlântico, e tinha umas pessoas de fora (eram castelhanos) e estavam provavelmente ali no Hotel Taufik... estavam falando ao telefone “ahhh, não, é perto da Bibliotheca Rio-Grandense”, então me chamou a atenção, porque estavam situando os pontos em relação a Biblioteca Rio-Grandense. Acho que todas as pessoas que vêm de fora têm como ponto turístico e de referência a Bibliotheca Rio-Grandense.

Já na vertente cultural que corresponde aos seus acervos, as três Instituições Informacionais deste estudo possuem o que Jacques Le Goff denomina de documento/monumento, ou seja, materiais de memória social e história. Segundo Le Goff (1996, p. 535) “[ . . . ] os materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os *monumentos*, herança do passado, e os *documentos*, escolha do historiador”. Neste sentido, os acervos destas UI são ricos nestes documentos/monumentos e foram destacados constantemente neste aspecto.

Para muitos, a questão do acervo se faz importante por ser gratuito, raro, e histórico. Não se trata de um acervo qualquer, mas de acervos compostos por obras raras e materiais históricos, que dificilmente são encontrados em outros locais, conforme ressalta a entrevistada 16:

[ . . . ] a biblioteca, no meu ponto de vista, é bem participativa da memória. Oferecendo nosso trabalho para a comunidade. Às vezes livros que as pessoas não têm e vem procurar aqui na Bibliotheca. A gente oferece leitura, jornais. Tem pessoas que frequentam a Bibliotheca só por causa do jornal, porque é um material histórico e gratuito. É bom para o público, para as pessoas que não tem condições de comprar jornal. Ela faz muita coisa para o povo pelotense.

Nos vários processos de mudança e restauro dos prédios dessas bibliotecas, a preocupação com o acervo é clara, principalmente em relação às suas

hemerotecas, pois este é um acervo que necessita de cuidados especiais e que dificilmente poderá ser repostado se for perdido ou deteriorado:

Eu acredito que o fundamental para a cultura da cidade e nossa maior preocupação seja a nossa coleção de jornais, pois ela é completa. Temos praticamente tudo do Estado e da cidade, desde o século XIX. Temos coleções completas, como, por exemplo, o Jornal do Comércio do Rio de Janeiro. Nem o próprio Jornal do Comércio tem a coleção completa por causa do incêndio que teve e hoje vem muita gente do Brasil pesquisar aqui. (ENTREVISTADO 9).

Os entrevistados, funcionários e usuários das bibliotecas do estudo, reconhecem essa importância e destacam a questão dos acervos como fundamental para a cultura, pois é através dele que é possível recuperar as histórias das cidades e, até mesmo, as suas próprias. Segundo o entrevistado 18, a Bibliotheca Pública de Pelotas possui uma hemeroteca composta por “[ . . . ] edições dos dois jornais de circulação da cidade que nem mesmo as próprias editoras têm, inclusive guarda os primeiros exemplares. É extremamente importante, pois guarda o patrimônio cultural e a memória da cidade”, ideia compartilhada pela entrevistada 14:

Ela é um local de acúmulo da memória da cidade. Os editores dos jornais não guardaram suas edições antigas, mas a biblioteca garantiu o armazenamento dos mesmos, desde sua criação. A maioria dos trabalhos pesquisados aqui são sobre locais, ruas, casas feitas por moradores da própria cidade. Este setor é um setor que tem revistas, edições de revistas de comércio, esporte, e que deposita a memória da cidade.

Estas coleções raras servem de apoio para muitos pesquisadores e para o desenvolvimento de diversos trabalhos, sejam eles de nível fundamental, médio ou superior,

[ . . . ] tinha a esposa de um comandante do distrito naval que vinha todos os dias, e era interessante porque o motorista a trazia todos os dias para cá, e ela defendeu a tese dela. Ela era do Rio [Rio de Janeiro] e fez toda a pesquisa nos jornais aqui. Inclusive uma das coisas que chamam atenção aqui são os jornais muito antigos, que são encantadores, inclusive a maioria dos usuários faz TCC's aqui, baseados nesses jornais. É um acervo bem raro. (ENTREVISTADA 10).

Assim, além de todo o acervo de literatura e demais áreas do conhecimento, em cada setor de cada biblioteca, é possível encontrar documentos históricos que marcam a memória da cidade e do Estado, pois são fontes primárias de informação



que são preservadas para o uso indiscriminado, tanto do pesquisador científico quanto do pesquisador informal, e é aí que também se dá sua valorização cultural:

Aqui na biblioteca, existem conteúdos dentro dos próprios livros históricos, contando toda a história de Porto Alegre, do nosso Estado. Então está implícito tudo. Os governadores que aqui passaram, histórias da Assembleia Legislativa e a história político cultural está toda aqui concentrada. É só fazer uma pesquisa no setor do Rio Grande do Sul, que nos encontraremos tudo aqui. Além de pegar o Brasil inteiro também. Tu podes viajar pelo Brasil e pelo mundo inteiro, dentro da Biblioteca Pública. Eu acho essa biblioteca algo excepcional. Para mim, ela é a menina dos olhos de todas as bibliotecas do Rio Grande do Sul. Eu acho que é um orgulho. Nós temos que valorizar, preservar, cuidar. (ENTREVISTADA 31).

As bibliotecas tiveram o surgimento de muitos projetos culturais em seu seio e guardam uma memória pulsante em suas paredes, mas também são tidas por muitos como guardiãs de memória, repositórios de memória, pois é nelas que se deposita a memória documental e edificada, municipal e estadual principalmente:

A Bibliotheca é a mais antiga do Rio Grande do Sul e de maior acervo do Rio Grande do Sul, então ela é um repositório de memória, desde um passado mais longínquo, e é um ponto de encontro da comunidade. Aqui nasceram várias instituições como a FURG, a Academia Riograndina de Letras. Aqui era efetivamente um ponto de encontro da comunidade. Com o passar do tempo, a leitura já não é mais uma questão de primeira grandeza e está migrando para outros meios de comunicação como Internet. Mesmo assim, a biblioteca é uma peça de nossa memória, tanto que ela faz parte de nosso Centro Histórico da cidade. Ela é uma peça histórica por si só e por ser um repositório de documentação. (ENTREVISTADO 12).

Os indivíduos têm estas bibliotecas como referência da história e da memória de sua cidade e de seu Estado, tanto que quando necessitam de alguma informação sobre ambos, recorrem a elas como base, já que são as guardiãs que preservam a memória:

As pessoas tem uma referência de que aqui dentro é guardada uma história. Então, sempre que eles vêm para saber, por exemplo, sobre o Rio Grande, sabe-se que tem um ponto que existe uma memória guardada. E isso é que eu acho uma relação do que a biblioteca faz com o usuário. Eles podem vir pesquisar, ver, fazer leituras, mas eles chegam aqui procurando como a cidade começou, como começou a escola tal, qual foi o início da Praça Tamandaré. Eles têm a biblioteca como uma referência de um lugar onde está tudo guardadinho para que eles possam pesquisar sua memória. (ENTREVISTADO 10).

Ao que o entrevistado 3 complementa, reforçando este aspecto:

Eu acho que aqui na Biblioteca está a memória da cidade, porque aqui tem os jornais da cidade, tem livros que falam sobre a cidade... então, a memória está aqui. Se alguém quiser fazer uma pesquisa sobre Rio Grande, vai vir onde, vai vir na Biblioteca Rio-Grandense, através de pesquisa de periódicos, livros... se quiser fazer uma pesquisa sobre Rio Grande, algo que aconteceu anos atrás, vai vir aqui.

Assim, a disponibilização e conservação destes materiais acaba gerando uma confiança na instituição que é a biblioteca, por saber-se que as informações ali contidas são fidedignas e originais, uma das grandes preocupações da era digital. É uma ligação de confiança na edificação e na Instituição como um todo:

Há um livro do Erico Veríssimo, Sonata, que trata da biblioteca. Temos uma situação em que o personagem viaja no tempo e acaba tendo que confiar na biblioteca para achar as respostas, e ele chama o funcionário de Confúcio, da tradição e valores confucianos como sabedoria, de manter as coisas, o orgulho cívico, o patriotismo, enfim, valores que se aplicam a biblioteca no sentido de cidadania. Aqueles valores da revolução francesa como liberdade, igualdade e fraternidade, em que a biblioteca está a serviço dessa ideia, de que estamos aqui para ajudar, sanear, contribuir para educação e formação das pessoas, uma extensão da familiar, da escola e dentro deste esquema as pessoas entendem ainda que a biblioteca assume essa função. (ENTREVISTADO 27).

Para o entrevistado 27, mesmo já havendo uma biblioteca municipal em Porto Alegre, a Biblioteca Pública do Estado retém e conserva uma tradição, que é o que a mantém viva ao longo dos séculos. O entrevistado comenta, ainda, que a confiança que se deposita na biblioteca e em seu acervo se faz presente em toda a sua história, pois os indivíduos que a frequentam e conhecem se identificam com ela:

Em primeiro lugar, a biblioteca é um ponto central. As pessoas frequentam a biblioteca e confiam na instituição. Quando a biblioteca não está aberta, as pessoas sempre lembram dela e ficam perguntando quando ela reabrirá. A biblioteca faz parte da memória das pessoas, ela já faz parte da vida, do público, de uma forma especial. As pessoas se identificam, o público comenta que vai na biblioteca fazer isso ou aquilo, estudar. Desde os anos 50, dos 8 aos 80, nacionais ou estrangeiros, ocupados ou desocupados frequentam a biblioteca, por ser biblioteca pública também, e esta é a biblioteca pública da cidade, mesmo sendo uma Biblioteca Pública do Estado e mesmo tendo a Biblioteca Municipal Josué Guimarães. Pesquisadores de outros Estados, quando fazem seus TCC's, mesmo que já tenham visitado outras bibliotecas, acabam vindo para cá para ver se acham alguma coisa, depositando uma confiança de aqui é o local, o repositório, o centro de uma certa tradição, um certo conhecimento. (ENTREVISTADO 27).

Esta identificação de que o entrevistado trata, vai de encontro à visão de Nora (1993, p. 18), de que a memória pesa definitivamente sobre cada indivíduo, pois ela

obriga cada um a lembrar e reencontrar o pertencimento, que é o segredo e princípio da identidade. O autor destaca que é esse pertencimento, essa troca, que engaja o indivíduo inteiramente e o identifica, no que Pollak (1992) concorda ao dizer que a memória, tanto social quanto individual, proporciona o sentimento de continuidade e de coerência na reconstrução de si.

Desta forma, por serem as guardiãs de uma memória, estas bibliotecas dão aos indivíduos das cidades a sensação de identificação, pertencimento e localização social e individual, que reflete no apreço que a comunidade possui em relação a estes patrimônios culturais, como relata a entrevistada 22:

Nós somos a biblioteca, guardiã dessa memória. Se quiser saber a vida de algum pelotense, como por exemplo, aquelas coisas de jornal como “nasceu o fulano de tal”, qualquer pelotense que quiser conhecer razoavelmente sua história, nós guardamos essa história. Como, um exemplo meu, minha história familiar e afetiva é ligada a essa casa. Eu tenho aqui exposto no museu da Revolução Farroupilha uma arma que pertenceu ao meu tetravô, pois sou tetra neta do Bento Gonçalves. Se eu for pegar o jornal, eu tenho toda a minha atividade pública, como secretária de cultura, como procuradora do Estado no município, no Rio Grande do Sul, localizado na nossa biblioteca, nos jornais. Se eu for chegar ali, estará lá minha memória. Além da existência de dados que compõe esta memória com este prédio, nos temos a questão da visibilidade e do encontro e da questão de que a comunidade se apropria da biblioteca. Se prestar atenção, aqui no lado hoje se localiza os camelôs que foram colocados pelo Executivo municipal, que era do Mercado Público e foram colocados aqui. Anteriormente, este beco que só dá para a biblioteca, nunca tivemos a biblioteca pixada e sem camelô ao lado, e isso mostra que a comunidade pelotense tem a biblioteca como um referencial tão valioso que ela cuida e respeita este patrimônio. Ele é como se fosse a casa de cada pelotense, e a nossa casa a gente não suja, não depreda. Existem fatos eventuais, até porque ninguém está a salvo do vandalismo generalizado, mas a biblioteca sempre foi protegida pela comunidade e isso porque a sua memória está aqui e tem no prédio um bem extremamente valioso. O meu referencial de conhecimento, livro e encantamento, é a Biblioteca. O prédio, para mim, talvez eu seja um pouco exagerada pela minha condição de presidente, é um referencial. É impossível passar pela praça sem o referencial da biblioteca. Se atravessar a praça, mesmo sem a visão, eu tenho certeza que o prédio estará lá, e esta certeza me dá uma grande segurança. É o nosso referencial. Não é a Prefeitura, não é a Secretaria de Cultura, não é o Teatro Sete de Abril, mas o meu referencial é a Biblioteca. Se a Biblioteca não estivesse aqui, seria um espaço vazio que dificilmente, afetivamente, eu conseguiria preencher. [ . . . ] Então, este referencial é muito importante e eu espero que a comunidade pelotense reconheça isso e que assim que esse grupo sair, outro grupo assumira esta responsabilidade e esta tradição, guardando essa memória afetiva que não é só minha e de cada um de nós, e sim da cidade.

Fica evidente que esta ligação com a identidade se dá principalmente em um âmbito regional, pois como destaca o entrevistado 27 em seu depoimento, a biblioteca proporciona à população orgulho patriota, cívico e valores morais na

disponibilização de toda a informação contida em seu acervo, bem como em sua própria edificação, que possui marcas solidificadas de pensamentos, valores e contextos sociais, dentro e fora dela. Através da BPP expõe-se o orgulho de uma instituição inteiramente republicana, totalmente desvinculada administrativamente do poder público:

Todos esses anos, a biblioteca era o centro da cultura da cidade, ali nasceram todas as escolas, inclusive o direito, artes, escola técnica, o braille. Ali foi a iniciativa para todos os centros da educação. Então a biblioteca, para mim, ela é o marco de tudo. Ali nasceu tudo o que vocês podem imaginar. A Bibliotheca foi fundada por um jornalista, ela é particular, nada é do poder público, apesar de ela viver do poder público. O poder público dá o dinheiro para pagar os funcionários e cede os funcionários para a biblioteca. O grupo de sócios que tem lá não cobriria os custos da biblioteca. Ela é o centro da cultura de Pelotas! (ENTREVISTADA 24).

E estes valores ficam expostos também na fachada principal da BPE, que ostenta o pensamento e ideal positivista que a constituiu, através da representação do “calendário positivista”, composto de bustos dos grandes patronos do positivismo:

A biblioteca está comemorando 140 anos e mostra um pouco da memória da cidade. Por exemplo, a fachada dela é herança positivista, que tem a ver com o início do século passado, quando tínhamos um governo positivista. Isso é uma grande ligação que fazemos com a memória da cidade. A gente tem um setor dedicado ao Rio Grande do Sul que conta a memória da cidade. É um vínculo direto, não só com a memória da cidade, mas com a memória do Estado do Rio Grande do Sul. (ENTREVISTADO 26).

**Imagem 4** – Detalhe positivista da fachada da BPE.



**Fonte:** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE).

Os eventos elaborados pelas UI em questão e os próprios eventos e fatos de que participam, são fundamentais para essa construção da identidade de toda a população, como visto. Há o reconhecimento de que estas Instituições guardam, protegem, preservam e disseminam a memória local e regional, participando ativamente da memória da sociedade que vive em seu íntimo, através de seus documentos/monumentos. São lugares de memória, lugares de excesso, fechados sobre suas identidades e também abertos sobre a extensão de suas significações (NORA, 1993, p. 26). Agentes de memória social, porque integram e formam grupos sociais que compartilham dos mesmos interesses, pensamentos e vivências, e memória individual, porque se projeta sobre as reflexões e percepções de cada pessoa, como descreve Halbwachs.

#### 4.4 MEMÓRIA E HISTÓRIA NA BIBLIOTECA

Como visto anteriormente, Halbwachs (2006) distingue *memória* e *história*, às quais não atribui a mesma carga de significação, pois enquanto a primeira possui um vínculo espacial e temporal com os indivíduos e grupo, a segunda é mais extensa e só inicia quando já não existe mais na memória social.

Quando questionados sobre suas lembranças, coletivas e individuais, grande maioria dos entrevistados se referiu à aos fatos históricos relacionados às Instituições deste estudo, mas que são tão importantes quanto para as demais para a construção de suas identidades. Pollak (1992) destaca que podem existir acontecimentos regionais que marcam tanto uma região ou grupo, que sua memória é transmitida ao longo dos séculos com elevada identificação para os grupos e indivíduos contemporâneos.

Na biblioteca de Rio Grande, foi essencial para a formação cultural, social e identitária a questão do vínculo entre a Bibliotheca Rio-Grandense e o sistema de ensino informal, já que esta biblioteca destacou-se ao gerir e organizar cursos de alfabetização gratuita em uma época que não havia este sistema de ensino. A entrevistada 20 menciona que “lembra de algo antigo”, quando a biblioteca propiciava aulas para a comunidade carente e que não sabe de muita coisa, “[ . . . ] mas havia aulas para pessoas que não podiam estudar e que para ela isso é bem interessante. Mesmo sendo fatos históricos, o entrevistado 8 destacou que foi de

extrema importância para a cidade de Rio Grande, pois abriu portas para aqueles que não tinham acesso ao ensino gratuito:

Tudo que acontece aqui é importante pra cultura, porque só a conservação disso aqui é a maior prova de que manter isso aqui é o reconhecimento da “autoridade” cultural da cidade. A biblioteca é mantida exclusivamente pelos sócios, sempre foi mantida pelos sócios. E aí depois a primeira escola que houve foi aqui na biblioteca, foi a primeira escola considerada pública, porque naquele tempo existia muita escola particular, o pessoal pagava, mas essa era pública. Quer dizer, que sempre em vista da cultura, pagavam professores para manter alunos sem pagar.

Estes acontecimentos históricos, apesar de tão distantes temporalmente daqueles que atualmente recontam estes fatos, marcaram tão profundamente esta sociedade que os registros são preservados para manter esta história. Ainda são preservadas as fichas de matrícula dos alunos do primeiro curso público de alfabetização, documentos que testemunham e recontam o fato:

Eu sou muito apaixonado pela biblioteca, então para mim ela é fundamental. Se tu abres um periódico do final do século 19, vais ver pequenas chamadas “Biblioteca Rio-Grandense abriu seleção para o curso de alfabetização”, ainda temos algumas fichas deste curso de alfabetização. (ENTREVISTADO 6).

Imagem 5 – Ficha de inscrição do primeiro curso de alfabetização gratuito.

**"BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE"**  
CURSOS NOTURNOS GRATUITOS  
- FICHA DE INSCRIÇÃO -  
ANO LETIVO DE 1934

MATRICULA N° 82

NOME DO ALUNO Ademar Francisco Lanttas CURSO 6  
Residência ou endereço Rua Marquês de Caxias A's Bas. 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º

DADOS PESSOAIS — Idade? 13 anos. Estado civil? \_\_\_\_\_ Nacionalidade? Brasileira  
Côr? Preta Se empregado, onde e em que trabalha? Operario  
Se sabe ler e escrever, ha quanto tempo? 6 anos Ha quanto tempo frequenta este curso? \_\_\_\_\_

DADOS DE FAMILIA — Filiação? Orfão (pai e mãe)  
Sabem ler e escrever? \_\_\_\_\_ Se tem irmãos ou irmãs, quantos? Uma  
Em caso afirmativo, qual o número de alfabetizados? Um

APROVEITAMENTO ANUAL (para ser preenchido pelo professor, proximo ao fim do ano letivo) — Qual o total da frequencia durante o ano? 8 aulas. Em relação ao número de aulas dadas no curso, qual a porcentagem da frequencia? 60% Qual o comportamento? Bom Qual a aplicação? Bom  
E' cuidadoso? Sim Qual o aproveitamento? Nenhum

EXAME DE FIM DE ANO — Graus concedidos pelas bancas examinadoras, em 14 de Agosto de 19 34: 100 (baterias e graus)

As bancas fizeram alguma referencia especial, boa ou má, ao aluno? \_\_\_\_\_

Matriculado em 8 de Agosto de 1934  
O professor Djanira G. Pereira  
Diretor de aulas

VISTO \_\_\_\_\_

Fonte: Da autora.

Mas este não é um fato exclusivo da Bibliotheca Rio-Grandense, pois neste âmbito particular as outras duas UI também tiveram sua contribuição cultural de fomento às atividades sociais, no que elas coincidem. São acontecimentos que transcendem o tempo e compõem o que cada um é e o que cada sociedade é.

O desenvolvimento e o crescimento de cada uma destas bibliotecas se deu juntamente ao desenvolvimento das suas próprias cidades, sendo fortes contribuintes deste processo. A entrevistada 19, por exemplo, relata que na foi trabalhado com o público infantil da biblioteca a questão da construção do próprio prédio da biblioteca, “[ . . . ] que foi construído por escravos, do mesmo jeito que a cidade foi construída, pois a história da cidade se confunde muito com a história desses prédios e por consequência com a história desse prédio”. Esta mensagem trabalha em conjunto com a menção feita pelo entrevistado 12, o que reflete reconhecimento deste caminhar lado a lado entre as bibliotecas edificadas em patrimônio cultural e a história das suas sociedades:

Com certeza e é exatamente a historicidade. A cidade de Rio Grande era uma vila e foi elevada a categoria da cidade em 1835 e a biblioteca, que foi fundada em 1846, praticamente acompanha par e passo a evolução da cidade, juntamente com outras instituições importantes como a Catedral, o Porto.

Mais do que simplesmente saber que estes fatos existiram, estas comunidades sabem porquê tudo aconteceu, os contextos sociais da época e quais os reflexos destes fatos em sua sociedade contemporânea. A possibilidade de acessar este patrimônio que retrata a sua história permite que se chegue a compreensão da sua própria realidade e identidade:

Das coisas que eu tenho lido, visto e das pessoas que frequentam há um bom tempo, sempre me chamou a atenção é que a ideia original dela é que ela fosse um centro de arte e cultura público e republicano. Isso nunca foi mexido. Sempre ficou intacto. Tanto que quando fundaram a biblioteca, era claro que o serviço original eram os livros, mas depois começou a surgir outros tipos de serviço. Então, a gente sempre dá destaque também é que, mesmo antes do final do império, se reunia aqui grupos de republicanos para tratar da abolição da escravatura, ideias republicanas como um país mais livre e democrático. Serviços de conferência e formação de opinião pública, com as aulas para os trabalhadores, que trabalhavam de dia e estudavam de noite aqui na biblioteca. Não havia vínculo com a Universidade e os jornais da época sempre tinham uma coluna que referenciava a biblioteca. A população participava de forma mais interativa com os jornais. O que acontecia é que o povo que não sabia ler e escrever era alfabetizado aqui, na biblioteca. Durante o dia a biblioteca oferecia

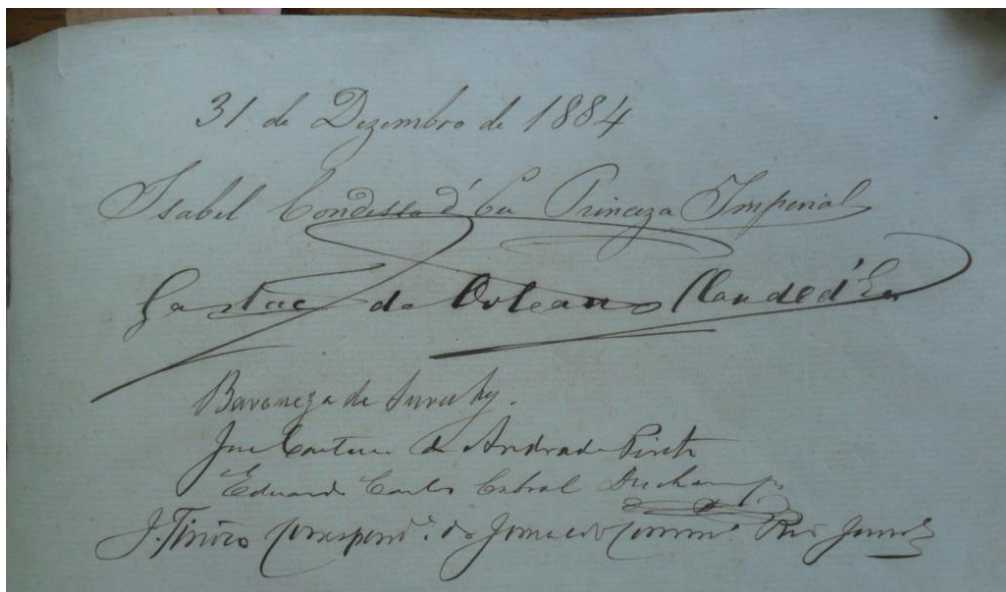
serviços de livros e periódicos e de noite eram as aulas para alfabetização. Esse serviço começou no final do século XIX. (ENTREVISTADO 21).

Trata-se de um misto de informações documentadas com a própria história oral, mas um processo necessita do outro, pois é impossível que se reconstrua a própria história sem um ou outro:

Pelotas era o centro da cultura, o apogeu do charque. As pessoas tinham condições de viajar, de se formar, porque aqui não tinha, nem no Rio de Janeiro, como fazer certas formações e tinha que ir para o exterior. Então a Biblioteca era o centro de estudo de todos, por isso que o direito nasceu na Biblioteca. Apesar de todo o dinheiro que surgia do charque, a biblioteca foi construída por escravos. Tijolo por tijolo, foi tudo construído por escravos, que eram cedidos pelos *senhores*, que também fundaram e deram dinheiro para a biblioteca... a gente tem todos os registros. Tudo quanto é documento está na biblioteca, inclusive os que mostram que em 1876 foi o primeiro curso que surgiu para os escravos estudarem na biblioteca, isso porque os *senhores* já pensavam em dar liberdade aos escravos e trouxeram o primeiro curso para a biblioteca. Teve um trabalho de uma professora sobre os cursos da biblioteca e ali tu vais achar tudo. (ENTREVISTADA 24).

Em todas as três bibliotecas houve visitas de personalidades importantes, reflexo da valorização que se atribui a cada uma. Na cidade de Rio-Grande encontram-se registradas cada uma destas visitas, que incluem, dentre muitas outras personalidades notáveis, a Princesa Isabel e, mais recentemente, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

**Imagem 6** – Registro da Princesa Isabel no livro de visitas da Bibliotheca Rio-Grandense.



**Fonte:** Da autora.



**Imagem 7** – Registro de Fernando Henrique Cardoso no livro de visitas da Bibliotheca Rio-Grandense.

A' Bibliotheca Rio-Grandense,  
em cujo acervo trabalhei nos anos 50  
para escrever minha tese de doutorado  
- Gaitilismo e Escarvalho no Brasil Meridional  
devo registrar minha homenagem.  
São instituições como esta que  
dignificam a cultura brasileira.  
Na região muito existe no entusiasmo  
deste trabalho dedicando a sua criação e  
difusão de cultura, deixo aqui  
meus agradecimentos e meu abraço.  
Sempre seu.

F. H. Cardoso

3/5/94

**Fonte:** Da autora.

A visita do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso ainda pode ser encontrada em uma memória social, pois está viva ainda para alguns indivíduos que presenciaram o fato, não sendo “história” ainda, mas, do ponto de vista de Halbwachs (2006), os demais acontecimentos são símbolos, noções representadas de forma mais ou menos popular, que podem ser imaginados, porém não lembrados. Entretanto, não se pode ignorar que tudo isto esteja englobado na memória e na identidade de cada sociedade de que faz parte.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória, não é uma construção individual, e sim social. Nenhuma memória está livre da interferência social, seja ela qual for. Entretanto, a fim de permitir reconstruções e rememorações da memória social, a humanidade busca guardar e preservar elementos materiais para proporcionar meios que não permitam à sociedade cair no esquecimento, pois, assim como um indivíduo, ela pode perder sua memória e, em consequência, sua identidade.

Esta identificação social se dá somente quando há a reflexão da sociedade sobre si mesma, quando é possível lançar o olhar sobre o passado e o presente para poder preparar o futuro, e é neste âmbito que as bibliotecas edificadas que são patrimônios culturais se destacam, pois possibilitam a preservação dessa memória social, salvando-a de uma “amnésia” e também participando em sua construção e formação. São lugares de memória.

Primeiramente evidenciou-se que as três Unidades de Informação deste estudo possuem em suas edificações elementos que remontam a trajetória social de suas próprias sociedades, com elementos físicos que perpetuam o pensamento e o contexto social de uma época, estampados no conjunto de pedras e tinta que as formam. Além disso, a localização central na cidade em que se encontram, próximo às edificações dos poderes públicos (legislativo, executivo, judiciário e religioso), lhes conferem importância e fortalecimento, pois revela que há a consciência de que são fundamentais para a construção de uma sociedade civil.

É igualmente notável que, além da postura tradicionalmente passiva de retenção da informação, tais bibliotecas surgiram também como bases de formação educacional e de ideais democráticos. Esta tríade é berço das primeiras instituições de alfabetização e integração social, bem como o embrião de instituições universitárias e centros de discussões de conceitos libertários, o que as tornaram ativas na formação de memória.

Através das vivências estabelecidas durante a realização do estudo, foi possível perceber os vínculos visíveis de memória entre os entrevistados e as edificações das bibliotecas em questão, pois estas memórias foram se materializando durante o diálogo, surgindo aos poucos e se fazendo presentes. Em cada novo questionamento que se realizava, foi possível detectar o processo de

rememoração de cada entrevistado revelando o elo vivo que existe entre as suas memórias individuais e sociais e os patrimônios culturais.

Tendo-se assumido este risco, até mesmo na ocorrência de uma entrevista atípica, em que um usuário antigo manifestou-se negativamente à biblioteca, demonstrando seu descontentamento em relação ao prédio “velho”, ao atendimento, ao acervo antigo e defasado (em sua opinião) e aos serviços oferecidos, foi possível detectar que o prédio desta Instituição é um importante elemento de sua memória. As relações que este usuário mantém com a biblioteca são tão íntimas e estão tão arraigadas às suas lembranças, que, apesar de todas as suas críticas generalizadas, o fazem ir semanalmente à Instituição, mantendo este vínculo vivo.

Durante as entrevistas realizadas neste estudo, foi possível **sentir-se**, quase fisicamente, que é através destes patrimônios que surgem relações de amizade, amor e confiança entre os indivíduos que compõem os grupos e as próprias edificações e seus acervos. Além de tudo, neste contexto estabelece-se uma grande identificação que serve de base moral, social e cultural devido aos valores transmitidos ao longo do tempo por estas Unidades de Informação.

Observou-se ainda, que se deposita credibilidade e confiança sobre estas Instituições, tanto por suas trajetórias históricas, quanto por suas abrangências documentais, que servem como fonte essencial de informação. Estes acervos são reconhecidos como fonte documentada de uma memória regional e social que dificilmente pode ser encontrada nas demais Unidades de Informação devido à sua raridade. Este fato acaba por atrair pesquisadores de diversas partes do Estado e, também, do país, que vêm nestas bibliotecas um valor patrimonial inestimável para consultas, pesquisas e produção de novos conhecimentos.

Por fim, atribui-se à Bibliotheca Rio-Grandense, à Bibliotheca Pública Pelotense e à Biblioteca Pública do Estado o sentimento de pertencimento de cada indivíduo que compõe o seu meio social, devido a sua ligação também afetiva àquele patrimônio cultural que integra a cidade e a sua formação histórico-social. Trata-se de uma identidade forjada no reconhecimento de que estas bibliotecas são guardiãs de suas memórias, seus valores morais e cívicos e que mantém acesas o orgulho que os indivíduos possuem em ser parte integrante de um determinado povo.

Para concluir, tendo em vista as evoluções da tecnologia e da era digital, que acabaram “virtualizando” a informação, mede-se a real força destas bibliotecas ao se

constatar que elas resistem ao tempo graças ao esforço de uma coletividade, que tem amor e afeição a estes patrimônios, sem os quais não teriam uma identidade. Por isso, independentemente de retorno monetário, insiste-se em preservar, restaurar e manter o **seu** lugar de memória.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Francisco das Neves (Org.). **Bibliotheca Rio-Grandense**: textos para o estudo de uma instituição a serviço da cultura. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2006. (Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense, 30).
- ANDRADE, Cyntia. Lugar de memória... memórias de um lugar: patrimônio imaterial de Igatu, Andaraí, BA. **Revista de Turismo y Patrimônio Cultural**, Espírito Santo, v. 6, n. 3, p. 569-590, 2008. Disponível em: <[http://www.pasosonline.org/Publicados/6308/PS0308\\_13.pdf](http://www.pasosonline.org/Publicados/6308/PS0308_13.pdf)>. Acesso em: 01 de jul. 2011.
- BALLER, Gisele Inês. **Espaços de memória e construção de identidades**: estudo de dois casos na região de colonização alemã no RS. 2008. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14927>>. Acesso em: 24 nov. 2011.
- BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- BIBLIOTHECA PÚBLICA PELOTENSE (Pelotas). **Bibliotheca Pública Pelotense**. Disponível em: <<http://www.bibliotheca.org.br/acervo.htm>>. Acesso em: 02 maio 2011.
- BIBLIOTHECA RIO-GRANDENSE (Rio Grande). **Bibliotheca Rio-Grandense**. Disponível em: <<http://bibliotecariograndense.com.br/>>. Acesso em: 02 maio 2011.
- BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (Porto Alegre). **Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul**: BPE. Disponível em: <<http://www.bibliotecapublica.rs.gov.br/>>. Acesso em: 02 maio 2011.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm)>. Acesso em: 23 jun. 2011.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Cultura e educação**: contribuir para qualificar a educação formal e formação cidadã dos brasileiros. 2008. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/pnc/diagnosticos-e-desafios/politicas-intersectoriais/cultura-e-educacao/>>. Acesso em: 24 nov. 2011.
- CAVÉCHIA, L. A.; BUSTAMANTE, P. G.; CORREIA, J. R. Diagnóstico dos agricultores familiares feirantes da comunidade Água Boa II, norte de Minas Gerais. **Comunicado técnico da Embrapa**, Brasília, DF, n. 179, 2008. Disponível em: <<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/191154/1/cot1790908.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2011.
- CORRÊA, Alexandre Fernandes. Teatro das memórias e das heranças bioculturais: ação cultural entre o passado e o futuro. **Fênix Revista de História e Estudos Culturais**, v. 6, n. 4, p. 1-16, out./nov./dez. 2009. Disponível em:

<[http://www.revistafenix.pro.br/PDF21/ARTIGO\\_01\\_Alexandre\\_Fernandes\\_Correa.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF21/ARTIGO_01_Alexandre_Fernandes_Correa.pdf)>. Acesso em: 24 out. 2011.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural**: recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PERNAMBUCO. Pratiônio. [2011]. Disponível em: <[http://www.fundarpe.pe.gov.br/politica-cultural\\_patrimonio.php](http://www.fundarpe.pe.gov.br/politica-cultural_patrimonio.php)>. Acesso em: 24 nov. 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GIOVANAZ, Marlise. Pedras e emoções: os percursos do patrimônio. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 235-242, jul./dez. 2007.

GRECCO, Vera Regina Luz. Colecionismo: o desejo de guarda. **Jornal do MARGS**, Porto Alegre, n. 83, 2003. Disponível em: <<http://www.escriitoriodolivro.com.br/-historias/colecionismo.html>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTO VOTORANTIM. **Bibliotheca Pública Pelotense**. São Paulo, [2009].

\_\_\_\_\_. **Bibliotheca Pública Pelotense**: a Bibliotheca é nossa: faça parte. São Paulo, [2008].

KESSEL, Zilda. Memória e memória coletiva. **Programa Século XX1**, Rio de Janeiro, jan. 2007. Disponível em: <[http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/sec21/-chave\\_artigo.asp?cod\\_artigo=1027](http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/sec21/-chave_artigo.asp?cod_artigo=1027)>. Acesso em: 24 nov. 2011.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1996.

LOPEZ, Immaculada. **Memória social**: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local. São Paulo: Museu da Pessoa, 2008.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **O que é patrimônio imaterial?**. Natal: Projeto Patrimônio Cultural Potiguar em Seis Tempos, 2006. Disponível em: <<http://www.fja.rn.gov.br/imaterial/patrimoniomaterial/docs/cartilha.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MURGUIA, Eduardo Ismael; YASSUDA, Silvia Nathaly. Patrimônio histórico-cultural: critérios para tombamento de bibliotecas pelo IPHAN. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 65-82, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n3/a06v12n3.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Cadernos de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2011.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, 1993.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <[http://reviravoltadesign.com/080929\\_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria\\_e\\_identidade\\_social.pdf](http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2011.

PRUX, Paula Raymundo. **Guardiões de memória: uma análise da relação entre patrimônio edificado e mídia impressa**. 2005. 204 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo (Graduação)–Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/16265>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Centro Administrativo. **Secretaria de Estado da Cultura. Biblioteca Pública do Estado**. [2011]. Disponível em: <<http://www.cultura.rs.-gov.br/v2/instituicoes-sedac/instituto-6/>>. Acesso em: 10 set. 2011.

SILVA, Marcelo Leolino da. Memória, Uma questão de patrimônio. **Revista Eletrônica do Museu da Cidade**, Campinas, 2007. Disponível em: <<http://www.gestaopublica.net/noticias/noticia.asp?id=43>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**: Paris, 17 de outubro de 2003. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2006. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540POR.pdf>> Acesso em: 28 jun. 2011.

\_\_\_\_\_. **Patrimônio cultural no Brasil**. Brasília: Ministério da Cultura, 2011. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540POR.pdf>> Acesso em: 23 jun. 2011.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ZAMIN, Frinéia. **Patrimônio cultural do Rio Grande do Sul**: a atribuição de valores a uma memória coletiva edificada para o Estado. 2006. 150 f. Dissertação (Mestrado em História)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8644>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

ZANIRATO, Sílvia Helena; RIBEIRO, Wagner Costa. Conhecimento tradicional e propriedade intelectual nas organizações multilaterais. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 39-55, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v10n1/v10n1a04.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. Memória Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 251-262, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v26n51/12.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2011.



## APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Apresentação ao entrevistado:

Sou aluna do 8º semestre do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e estou realizando um estudo para o Trabalho de Conclusão de Curso.

Considerando que a Bibliotheca Pública Pelotense (Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul ou Bibliotheca Rio-Grandense, dependendo de onde se está realizando a entrevista no momento) em uma edificação que é patrimônio cultural, esta pesquisa objetiva identificar qual a contribuição que esta biblioteca possui para a memória social de sua cidade.

A tua participação nesta pesquisa é fundamental, por isso gostaria de solicitar tua contribuição, respondendo a esta entrevista. Todas as informações aqui obtidas serão gravadas, se houver o teu consentimento, e utilizadas somente para fins de estudo, sendo altamente preservadas na transcrição.

Muito obrigada!

**FORMULÁRIO PARA COLETA DE DADOS**  
**Entrevista**

**DADOS A SEREM PREENCHIDOS PELA ENTREVISTADORA**

**Localidade e biblioteca pesquisada**

---

**Vínculo com a biblioteca:**

funcionário

ex-funcionário

usuário

**DADOS PESSOAIS**

**1 Qual teu nome completo?**

---

**2 Quantos anos tu tens?**

---

**3 Desde quando tu conheces/tens relação com esta biblioteca? Como foi teu primeiro contato com a Instituição?**

---

---

---

---

---

**4 Sendo a memória importante para reconstruir a trajetória de algo, quais memórias que tu tens desta biblioteca desde que a conheces? Recordas-te de algum fato marcante da biblioteca para a cultura da cidade?**

---

---

---

---

---

**5 Como tu relacionas a biblioteca com a memória da cidade? Achas que há alguma relação entre elas?**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**6 Existe alguma memória tua que esteja relacionada a biblioteca e ao prédio em que a biblioteca está instalada?**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**7 Tu tens fotos, documentos e/ou arquivos relacionados a biblioteca? Poderias falar sobre e mostrar estes itens, se possível?**

---

---

---

---

---

---

---

---

## APÊNDICE B – ENTREVISTADOS

Abaixo segue listagem dos entrevistados neste estudo, conforme suas respectivas Bibliotecas e localidades.

### **Bibliotheca Rio-Grandense, Rio Grande/RS:**

- Daniele Figueiró Rodrigues
- Darcy Rodrigues Tavares
- Francisco das Neves
- Heloisa Helena Mâncio Furtado
- José Gautério Figueiredo
- Lorna Ferreira da Silva
- Marco Antônio Maio da Cunha
- Nádia Ferreira Pastorilo
- Pedro Alberto Távora Brasil
- Simone Maria Dutra Grafulha
- Solange dos Santos Galarraga
- Virgílio de Andrade Laborde

### **Bibliotheca Pública Pelotense, Pelotas/RS:**

- Anelise da Silva
- Berenice Henke
- Carla Michelle de Macedo Rodrigues
- Daniel Barbier
- Daniel Silva da Rosa
- Eliana Oliveira
- Eliane Alves Madruga
- Gilce Marlene Teixeira Gomes
- Lisarb Crespo da Costa
- Mário Osório Magalhães
- Sonia Maria Tavares da Silva
- Vivian Zamboni

**Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS:**

- Ana Maria de Marco Manieri
- Antônio Evilar da Silva
- Cristina Alice Gomes
- Fábio Silveira Lazzari
- Iris Odette Trher
- José Roberto Zachini
- Leandro Abech da Silva
- Marli Braga Bion
- Ondeide Maria Pires da Silveira
- Osmar Pereira de Almeida
- Vera Regina Scolari